

# A coragem da fé

COMUNIDADES MARISTAS EM TEMPOS DE CONVULSÃO [1936-1939]

Lluís Serra Llansana



  
maristas

Tradutor: Cláudio Girardi, fms - Província Marista do Brasil Centro-Sul

Revisão: Virgílio Balestro, fms e Benê Oliveira, fms - Província Marista do Brasil Centro-Sul

Primeira edição - Setembro 2013

Copyright: Lluís Serra Llansana - 2013

Capa: Elisabet Serra Vendrell

Direitos exclusivos da edição:

Todos os direitos reservados. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação desta obra só pode realizar-se com a autorização por escrito dos seus titulares, afora a exceção prevista em lei. Dirija-se a CEDRO (Centro Español de Derechos Reprográficos), caso necessite fotocopiar ou escanear alguma porção desta obra ([www.conlicencia.com](http://www.conlicencia.com); 917 021 970 932 720 447).

---

# Índice

<b>PRÓLOGO</b> .....	5
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>CAPÍTULO 1.</b> Comunidade marista de les Avellanes (Lleida) <i>Pondes na minha mão a palma do martírio</i> .....	17
<b>CAPÍTULO 2.</b> Comunidade marista de Toledo <i>Vivi com eles, com eles quero morrer</i> .....	29
<b>CAPÍTULO 3.</b> Comunidade marista de Valencia <i>Em tempos de paz como em tempos de guerra</i> .....	41
<b>CAPÍTULO 4.</b> Comunidade marista de Vic (Barcelona) <i>Sabemos perfeitamente o que buscamos e o que isto custa</i> .....	51
<b>CAPÍTULO 5.</b> Comunidade marista de Ribadesella (Asturias) <i>Vão matar-me porque sou religioso</i> .....	59
<b>CAPÍTULO 6.</b> Comunidade marista de Badajoz <i>A fé é o nosso primeiro tesouro</i> .....	65
<b>CAPÍTULO 7.</b> Comunidade marista de Málaga <i>O capitão do barco deve ser o último em salvar-se</i> .....	69

<b>CAPÍTULO 8.</b>	Comunidade marista de Madrid <i>Seja o que Deus quiser!</i> .....	79
<b>CAPÍTULO 9.</b>	Comunidade marista de Chinchón (Madrid) <i>Não precisamos ir para as missões</i> .....	95
<b>CAPÍTULO 10.</b>	Comunidade marista de Torrelaguna (Madrid) <i>Servir e amar</i> .....	101
<b>CAPÍTULO 11.</b>	Comunidade marista de Villalba de la Sierra (Cuenca) <i>Confiados à Divina Providência</i> .....	107
<b>CAPÍTULO 12.</b>	Comunidades maristas de Cabezón de la Sal y Carrejo (Cantabria) <i>O amigo dos pobres</i> .....	113
<b>CAPÍTULO 13.</b>	Comunidade marista de Barruelo Santullán (Palencia) <i>Carinhosa lembrança pela morte do meu irmão</i> .....	121
<b>CAPÍTULO 14.</b>	Comunidade marista de Barcelona <i>Nem me ocorre a ideia de abandonar</i> .....	127
<b>CAPÍTULO 15.</b>	Comunidade marista de Denia (Alicante) <i>Sofrer o martírio por Deus e pela fé em Jesus Cristo</i> .....	131
<b>CAPÍTULO 16.</b>	Comunidade marista de Arceniega (Álava) <i>Sem medo algum da morte por Cristo</i> .....	135
<b>CAPÍTULO 17.</b>	Comunidade marista de Mataró (Barcelona) <i>O anjo consolador</i> .....	139
<b>EPÍLOGO</b>	.....	145
<b>REFERÊNCIAS</b>	.....	149

---

# Prólogo

*Diremos a verdade sem descanso  
Pela honra de servir, sob os pés de todos.*

Salvador Espriu, *O couro do touro.*

**D**iz o Irmão Lluís Serra, no epílogo deste livro, que os acontecimentos que narra *suscitam sentimentos profundos de tristeza, indignação, admiração. É impossível ficar indiferente.* É verdade. É o que me ocorreu quando li este livro. Como fazer, então, para não ficar apenas em meros sentimentos à flor da pele? O próprio Irmão Lluís nos sugere um convite *ao silêncio, à meditação e à oração*, atividades não muito frequentes, infelizmente, nas nossas sociedades.

Os fatos que o autor narra neste livro, de maneira brilhante e sugestiva, são muito duros, porque descrevem a morte sangrenta de 68 pessoas; a vida de qualquer pessoa é sagrada. Se hoje, quase 80 anos depois da sua morte, falamos destas pessoas é porque, como recomenda Salvador Espriu, queremos dizer a verdade, pela honra de servir aos homens e às mulheres do século XXI.

Mas, além disso, como cristãos, queremos deixar-nos interpellar por suas vidas y não apenas por suas mortes. Sua entrega e coragem em tempos convulsionados nos estimulam a *entregar nossas vidas e a ser testemunhas da experiência de Deus*, como foram todos eles. A própria distribuição dos capítulos do livro por comunidades nos ajuda a reconhecer o *maravilhoso dom da comunidade*, visto que, neste grupo de mártires, esteve

muito presente a dimensão comunitária, tanto no seu modo de viver a fraternidade, como na forma de sofrer o martírio.

Este livro, fiel à herança de nossos mártires, opta claramente pelo perdão e pela reconciliação. Apesar da violência dos acontecimentos descritos, convida à esperança. Elie Wiesel, sobrevivente de Auschwitz, prêmio Nobel da paz, escreveu, há poucos anos. *Creio no homem, apesar dos homens. Creio na linguagem, embora tenha sido maltratada, deformada e pervertida pelos inimigos da humanidade. E continuo a me agarrar às palavras porque nos toca transformá-las em instrumentos de compreensão, mais do que de desprezo. Podemos escolher se desejamos empregá-las para maldizer ou para curar; para ferir ou para consolar.*

Meu agradecimento mais cordial ao Irmão Lluís Serra, porque soube fazer das suas palavras os instrumentos de compreensão para curar e consolar.

Irmão Emili Turú  
*Superior Geral*

---

# Introdução

**N**a Espanha, no início do século xx e de modo especial, durante a Guerra Civil (1936-1939), gerou-se morte e abriram-se feridas que nem sequer o passar de vários decênios conseguiu cicatrizar completamente. Foram tempos tempestuosos. Tanto sofreram os de um lado como os do outro; além disso, muitos outros fizeram sofrer. O ginete apocalíptico da morte de gadanha afiada, montando cavalo de cor pálida, percorreu cidades, povoados e campos de batalha, semeando a morte, em sua passagem sinistra. A dor e o desespero tornaram-se donos das famílias. No Instituto Marista, 172 Irmãos sucumbiram como mártires da fé.

Foi-me brindada a oportunidade de me avizinhar de modo especial da sua realidade histórica. Por ocasião da beatificação de 522 mártires espanhóis do século xx, em cujo rol havia 66 Irmãos e dois leigos, festividade prevista para o dia 13 de outubro de 2013, em Tarragona, o Instituto Marista nomeou uma comissão internacional para preparar este acontecimento. A comissão, da qual participei, encarregou-me de escrever um livro para a ocasião.

Aceitei o compromisso. Além da escassez de tempo, a maior dificuldade consiste em abordar um tema muito sensível. Há riscos evidentes: edulcorar a realidade dos fatos em prejuízo das vítimas ou utilizar as vítimas para denegrir os verdugos. Centrei meu objetivo em focalizar a visão histórica sobre a fé dos «mártires», palavra grega, que significa *testemunhas*. Um autêntico desafio. Como se trata de um tema da minha família religiosa, a trama de laços afetivos está presente. Levar este

dado em consideração é indispensável para que não interfira no resultado. A tarefa encomendada implica uma viagem pelo passado que não afronto com nostalgia, mas, com generosa compreensão, termo que aponta a Nosso Senhor e ao seu evangelho. Por isso, a verdade é irrenunciável, como também o são o perdão das ofensas, o amor do inimigo, o espírito de reconciliação, a atitude de paz, a fidelidade ao chamado. Contemplar a vida a partir da fé cristã significa abrir um horizonte de eternidade nas coordenadas do tempo e do espaço. A vida, embora transitória, é importante! O definitivo é a vida eterna. Nela a coragem da fé não serve para nada, se não foi transformada em amor.

Como auxílio na leitura deste livro, ofereço uma série de nove elementos, certamente dispensáveis para os eruditos, mas que facilitam a compreensão dos neófitos.

1. O conteúdo do livro abarca apenas parte dos mártires maristas do século xx, na Espanha: os que morreram antes da guerra e de modo especial, durante a conflagração, momento no qual a perseguição religiosa se tornou mais aguda. No todo são 172 Irmãos que compõem este conjunto heroico de mártires. O primeiro grupo é formado pela causa do Irmão Bernardo, assassinado em Barruelo de Santillán (Palencia) em 1934 e pela causa do Irmão Laurentino e 45 companheiros, assassinados em Moncada (Barcelona) em outubro de 1936. Foram beatificados em Roma, pelo Papa Bento XVI, em 28 de outubro de 2007. O segundo grupo, integrado pelos Irmãos Crisanto, Aquilino, Cipriano José, Gasmão e 64 companheiros, assassinados em 1936, em diversos lugares da Espanha, beatificado em Tarragona, em 13 de outubro de 2013. O terceiro grupo, constituído pelo Irmão Eusébio e 8 companheiros, assassinados em diversos lugares da Catalunha, está com o processo de beatificação em andamento. As páginas que seguem, portanto, se



concentram exclusivamente no segundo grupo; mas não se deve perder de vista a realidade global, que não se fragmenta em classificações ou causas.

2. O contexto sociopolítico, econômico e eclesial. Para poder compreender um fato, é indispensável situá-lo em seu contexto histórico. Há numerosos estudos, de valor desigual, sobre este período e sobre a Guerra Civil da Espanha. Remeto-me a eles. Certamente, neste livro apenas será possível captar alguns matizes e se perceberão algumas orientações; mas não se oferece um estudo histórico. Supõe-se que a história está na bagagem do leitor; ou ele a pode obter, recorrendo aos trabalhos existentes. Numa guerra civil, entram em jogo muitos elementos simultaneamente interagentes e interferentes. Nesse caso, deu-se também uma perseguição implacável aos católicos, por motivos religiosos, o que gerou tantos mártires, deixando atônita a opinião pública internacional.

Além da fragmentação social entre ricos e pobres, nos anos 30 são vividos, com intensidade, três problemas: a polarização ideológica esquerda – direita; o conflito territorial; e a tensão clericalismo e anticlericalismo. Uma observação sobre a realidade atual nos permite concluir, com outros matizes, que os problemas não foram superados; foram datados e, de algum modo, seguem vigentes.

3. Os Irmãos e as suas comunidades. A fraternidade é característica essencial do cristianismo e distintivo próprio dos Irmãos Maristas. A coragem da fé de cada mártir constitui vivência pessoal; mas, quase sempre, vivida no seio da comunidade. Os últimos instantes da existência se enfrentam inevitavelmente, em solidão; mas a vida em grupo favorece a vivência do amor e o impulso à generosidade. Isso se comprova no caso do Irmão Jean-Marie, que não quis se



Lugares de origem dos Irmãos e leigos beatificados

valer de sua nacionalidade francesa, para se salvar, deixando a sua comunidade no sofrimento: «Vivi com eles, com eles quero morrer».

Os capítulos seguem a ordem da *Positio*<sup>1</sup>, com três pequenas modificações. Os 19 capítulos foram reduzidos a 17, pois os dois atribuídos, inicialmente, a las Avellanas, o 1º e o 18º foram reduzidos a um; o mesmo ocorreu com os dois de Valência o 3 e o 15, sintetizados num. Os dois leigos do 19 passam aos capítulos 9 e 11, para situá-los em seu contexto. Como lugar de origem destaca-se Burgos, com 26 Irmãos; Navarra, com 12; León e Teruel, com 5; em Teruel, inclui-se um leigo. Três Irmãos são franceses. Como lugares de martírio temos: Madrid, 19 Irmãos; Toledo, 11; Barcelona, Cantábria e Málaga, com 6.

4. Estrutura jurídica dos Irmãos Maristas. O Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas, FMS, foi fundado por São Mar-

<sup>1</sup> NdT: Processo de canonização.

celino Champagnat, no dia 2 de janeiro de 1817, em La Valla, na França. Com o passar do tempo e com a expansão que foi tendo, o Instituto organizou-se em províncias, circunscrições territoriais, cada província dirigida por um Irmão Provincial, todas dependentes do Irmão Superior Geral com o seu Conselho. A França se projetou em direção à Espanha, em três ocasiões e procedentes de três pontos distintos. Em 1886, quatro irmãos de Saint-Paul-Trois-Châteaux chegaram a Girona, para aprender espanhol, com a intenção de irem para a América Latina. Ficaram ali e deram origem à grande Província da Espanha. No início do século xx, a França aprovou leis que expulsavam quase todas as congregações, especialmente as que se dedicavam ao ensino. A supressão de mais de 12.000 centros provocou de imediato o estabelecimento de muitas congregações na Espanha. Por isso, de Aubenas, na França, chegaram Irmãos a Pontós (Girona), dando origem ao distrito de Pontós, posteriormente Província de León. Procedentes de Lacabane, outros Irmãos chegaram a Oñate (Guipúscoa), que se converteu na Província de Anzuola. Durante a guerra civil, coexistiram as três Províncias, embora a mais afetada tenha sido a Província de Espanha.

5. O trabalho educativo dos Irmãos. Em «Sementes de Vida», afirma-se: «A luta pela escola e pela educação popular se transformou em campo específico de confronto entre o operariado anarquista e socialista e as congregações religiosas» (P.27). Isso, em parte, se deu por causa da onda expansiva da França. O artigo 30 da lei de Confissões e Congregações Religiosas de junho de 1933 explicita: «As ordens e congregações religiosas não poderão dedicar-se ao exercício do ensino». A isso se seguiu a secularização das escolas católicas, a substituição do hábito religioso pelo traje secular, a obrigação da obtenção dos títulos docentes oficiais, mudança dos títulos dos colégios etc. Os Irmãos Maristas estavam principalmente

presentes em ambientes pobres e populares. Na beatificação de Tarragona, 82,57% dos 522 mártires são consagrados pertencentes a 25 congregações diferentes. Mas só as duas primeiras já apresentam 142 mártires que representam 275 do total de beatos. São as congregações dos Irmãos das Escolas Cristãs (75) e dos Irmãos Maristas (66), dedicadas ambas à educação das crianças e jovens.

6. O processo de formação marista. As etapas de formação que os Irmãos seguiam eram quatro: A primeira era o juvenato durante o qual eram realizados os estudos básicos. A palavra *juvenista*, no esquema de formação marista, aplica-se aos estagiários mais jovens, em geral alunos do primário e secundário; em outras congregações é usado para aqueles que fizeram os primeiros votos. De acordo com a idade e a maturidade, o *formando*, nome genérico equivalente a seminarista, podia passar diretamente à etapa seguinte. A segunda etapa era o postulado, etapa dedicada ao discernimento vocacional, no fim do qual se vestia o hábito religioso e se recebia um nome religioso. Nesta época, a partir da vestição, se usava apenas o nome religioso. Este substituía o nome de batismo, prática há tempo abandonada. Em algumas situações excepcionais da Igreja, ainda se mantém este rito. Isto se dá, por exemplo, com o nome do Papa, prática iniciada por Jesus Cristo na pessoa do apóstolo Pedro. A terceira etapa é o noviciado, período em que se continua o discernimento vocacional, se aprofunda a teologia da vida religiosa e se estuda o alcance dos votos religiosos. Acaba com a primeira profissão, na qual se emitia apenas o voto temporário de obediência. A quarta etapa é o Escolasticado, dedicado especialmente à formação profissional e docente. Depois de uns anos de profissão temporal, se emite a profissão dos votos perpétuos de pobreza, castidade e obediência. Posteriormente, como sinal de maior fidelidade e condição para o exercício de determinadas funções, alguns irmãos professam o voto de estabilidade.

7. As fontes de documentação. Para escrever este livro, utilizei três fontes básicas de documentação.

Primeira *Positio (Positio super martyrio)*, que contém os dados de investigação do martírio de cada Irmão. Cada seção desenvolve o perfil biográfico, o relato do martírio material, assim como do martírio formal e a fama do martírio de cada um dos Irmãos em questão.

Segunda, o livro *Páginas de história marista. Espanha 1936-1939*, do Irmão Eduardo Corredera Gutiérrez, doutor em História. Documento indispensável pelos dados que contém, para quem quiser aproximar-se da fonte dos fatos. Escreveu as páginas à mão, com pena. Depois, algum formando as datilografou.

Terceira, o livro *Vidas entregues. Martirologio marista da Espanha, 1909-1939* do Irmão Juan Jesús Moral Barrio. Sistematiza os dados do Irmão Corredera; após minuciosa pesquisa nos arquivos, elabora para cada irmão uma ficha que contém seus dados (contexto ambiental e características pessoais) bem como a crônica de sua vida (nascimento, recepção de sacramentos, formação, lugares em que trabalhou e morte).

Completei minha documentação com outras referências bibliográficas. Em todo o caso, é preciso distinguir entre os dados e a orientação dos autores. A internet também me foi muito útil. Com o Google Maps, percorri a geografia, as próprias ruas de algumas localidades, para me situar com maior precisão.

8. Memória histórica. Celebrar a beatificação de mártires é tema delicado. Transcorreram quase 80 anos; mas algumas feridas ainda continuam abertas. A guerra produziu suas vítimas e o após-guerra também. Quando cicatrizarem completamente, ter-se-á superado o passado. A dificulda-

de desta tarefa é compreensível, porque se trata de uma guerra civil, que não concluiu com uma reconciliação, mas com uma vitória; por isso, com vencedores e vencidos. Por este motivo, a memória histórica se vive, às vezes, com enfrentamentos de visões contrapostas. Um processo de beatificação enaltece os mártires da fé cristã; mas se solidariza com todas as vítimas sem distinção, porque a verdade, a justiça e o amor, se não são universais, perdem a sua identidade e o seu sentido.

O respeito às diferentes sensibilidades não deve silenciar um reconhecimento sincero, humilde e leal aos mártires da fé, sem nenhuma ostentação, mas também sem complexos. O Irmão Basílio Rueda, antigo Superior Geral, disse: «Creio que de nossos mártires, daquelas suas lições, temos obrigação de transmitir notícia às futuras gerações!» Este livro quer ser modesta contribuição para este objetivo. Adiro a um critério evangélico irrenunciável: É preciso estar sempre a favor das vítimas, sejam quais forem, sejam quais forem seus verdugos, como o demonstra a parábola do samaritano. Os 68 maristas, Irmãos e leigos, foram sobremodo testemunhas da sua fé. Acima dos seus temores, angústias e incertezas, em todos se destaca a coragem. A fidelidade dos mártires a Jesus Cristo e o sentido mariano da sua espiritualidade constituem a chave para entender tanto a sua vida como a sua morte, como magnífico testemunho no encerramento do Ano da Fé.

9. Agradecimentos. Obrigado à comissão integrada pelos irmãos: Ernesto Sánchez, Jorge Flores, Antonio Alegre, Juan Manuel Anaya y Ernesto Tendero que me confiou este trabalho. Obrigado ao Irmão Maurice Berquet, provincial de l'Hermitage e a seu conselho, pelo encargo de colaborar como membro desta comissão. Obrigado aos Irmãos que foram postuladores destas causas (Irmão Gabriele An-

dreucci e Irmão Giovanni Bigotto), assim como a seu vice-postulador, Irmão Mariano Santamaría. Obrigado ao Irmão Corredera e Juan Jesús Moral pelas contribuições refletidas em seus livros. Sem esses dados este livro não teria sido possível. Obrigado ao Irmão José Delgado, que revisou atentamente minha redação. Obrigado aos Irmãos Ramón Llansana e Henrique Hurtado, que diminuíram, ao máximo, os erros. Tantos dados requerem muitos olhos para evitar equívocos. Agradeço ao Irmão Fernando Vecino os seus aportes de arquivo. Obrigado aos homens e mulheres que lerem este livro cujo objetivo não consiste em armazenar conhecimento, mas antes transmiti-los. Os africanos dizem «que uma pessoa morreu quando morreram todos os que a conservavam em sua memória».

Obrigado aos mártires, porque, com a coragem de sua fé, vivida em tempos perturbados, me estimulam a viver a minha e a de tantas pessoas.

Finalmente, minha gratidão a Deus porque, sem Ele, os mártires não seriam testemunhas.

**Lluís Serra Llansana\***

---

\* Lluís Serra Llansana é Irmão Marista da Província de l'Hermitage. Entre os diversos livros que escreveu, devem ser destacados por sua temática marista: *A força da fraternidade. Maristas, 100 anos em las Avellanas (1910-2010)*. Em colaboração, escreveu: *O Educador Marista, sua identidade e estilo educativo (1983)*; *História do Colégio dos Irmãos Maristas, em Igualada (1996)*; *Jiménez de Heredia em la Basílica de San Pedro el Vaticano (2001)*.

Correio eletrônico: lluis.serra@maristes.net e lserra@gmail.com





---

# Capítulo 1

## Comunidade marista de les Avellanes (Lleida)

### PONDES EM MINHAS MÃOS A PALMA DO MARTÍRIO

11 e 27 de agosto e 3 de setembro de 1936

---

#### TESTEMUNHA DA FÉ NO «MAS DO PASTOR»

---



Irmão Crisanto (Casimiro González García).

Nascimento: Torrelaguna (Madrid), em 4 de março de 1897.

Mártir no Más del Pastor, Tartareu (Lleida), em 27 de agosto de 1936. 39 anos e 5 meses.

---

#### TESTEMUNHAS DA FÉ, NO FRONTÃO DE LES AVELLANES

---



Irmão Aquilino (Baldomero Baró Riera).

Nascimento em Tiurana (Lleida), em 29 de setembro de 1903.

Mártir em les Avellanes (Lleida), em 3 de setembro de 1936. 32 anos e 11 meses.



Irmão Fabiano (Juan Pastor Marco).

Nascimento em Barcelona, em 14 de janeiro de 1876.

Mártir em les Avellanes (Lleida), em 3 de setembro de 1936. 60 anos e 7 meses.



Irmão Félix Lorenzo (Lorenzo Gutiérrez Rojo).

Nascimento em las Hormazas (Burgos), em 10 de agosto de 1906

Mártir em les Avellanes (Lleida), em 3 de setembro de 1936. 30 anos.



Irmão Ligorio Pedro (Hilario de Santiago Paredes).

Nascimento em Cisneros de Campos (Palencia), em 12 de maio de 1912.

Mártir em les Avellanes (Lleida), em 3 de setembro de 196. 24 anos e 3 meses.

---

### TESTEMUNHAS DA FÉ EM SAGANTA ESTOPIÑÁN DEL CASTILLO, (HUESCA)

---



Irmão Emiliano José (Marcos Leyún Goñi).

Nascimento em Sansoain (Navarra), em 7 de outubro de 1897.

Mártir em Saganta (Estopiñán, Huesca), em 11 de agosto de 1936. 38 anos e 10 meses.



Irmão Timoteo José (Julián Lisbona Rojo).

Nascimento em Torre de las Arcas (Terral), em 23 de outubro de 1891.

Mártir em Saganta (Estopiñán, Huesca), em 11 de agosto de 1936. 44 anos e 9 meses.



Irmão André José (Francisco Donazar Goñi).

Nascimento: em Iroz (Navarra), em 10 de outubro de 1893.

Mártir em Saganta (Estopiñán, Huesca), em 11 de agosto de 1936. 42 anos e 10 meses.

---

1. As notícias chegam a conta-gotas. Quase todas preocupantes. Os provedores e o carteiro e alguns trabalhadores dos povoados vizinhos costumam ser os mensageiros. Uma semana sem cartas nem jornais alimentam a obsessão de dispor de um rádio para estar a par dos acontecimentos. O isolamento do mosteiro de Santa Maria de Belpuig de Les Avellanes, que se encontra a 15quilômetros de Balaguer, na província de Lleida, não facilita o acesso à informação imediata. Recolhem-se ali diversas seções de formação: juvenato, noviciado e Escolasticado. A casa, além disso, alberga a enfermaria provincial e uma comunidade de Irmãos dedicados a diferentes trabalhos: administração, granja, fazenda, pedreiros, consertos e reformas. Um total de 210 pessoas entre Irmãos e formandos. Os Maristas ocupam, desde 1910, o antigo mosteiro premonstratense, arruinado pela desapropriação de Mendizábal. Os acontecimentos de luto da semana trágica de Barcelona, em 1909, com a queima da casa de Sant Andreu de Palomar, na cidade Condal, provocaram o traslado de Irmãos e formandos da costa para o interior das terras leridanas. Com esforço e trabalho limparam o antigo mosteiro e construíram novas alas no edifício. O irmão Diógenes, Superior Geral, ao visitar a casa em 1922, havia afirmado que era o «primeiro noviciado da Congregação». Quando os primeiros trabalhos parecem obter bons resultados, quando a força começa a ser produtiva, novas nuvens negras são vistas no horizonte, antes que as anteriores se dissipassem. Originavam-se das convulsões sociopolíticas, econômicas e religiosas.
2. A vitória das esquerdas nas eleições municipais de 1931, a abdicação de Afonso XIII e sua caminhada para o exílio, a proclamação da República etc. semeiam o horizonte de perguntas. Meses depois, o Irmão Diógenes escreve uma carta em que manifesta a sua preocupação com os efeitos das mudanças na Igreja e na religião. A queima de conven-

tos em maio não pressagia nada de bom. Os Irmãos mais antigos revivem as angústias da Semana Trágica que supôs perda de vida e a queima do noviciado de Sant'Andreu de Palomar. Voltam os velhos fantasmas do anticlericalismo e de uma política agressiva. As posições se polarizam. Aumenta o receio nos Irmãos. O conteúdo religioso dos seus escritos se acentua. Acentua-se a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e se multiplicam as exposições do Santíssimo. O irmão Laurentino, então Provincial e atualmente beato, escreve: «Desejo salvar nossas obras não só materialmente, mas também o fortalecimento espiritual dos Irmãos». Trabalha-se normalmente, mas está subjacente uma tensão surda que se alimenta em cada nova notícia que chega ao mosteiro. No entanto o governo provisório da República declara Santa Maria de Bell Puig de Les Avellanes como monumento histórico artístico pertencente ao Tesouro Artístico Nacional. Uma contribuição à cultura levada a efeito pelos Irmãos Maristas com muitos esforços e doações, sem nenhuma ajuda pública.

3. Como cada sábado, Irmãos e formandos sobem ao Cerro da Virgem, que oferece vista privilegiada da casa e de grande parte da propriedade. Aí, com fervor se canta a Salve Regina e a oração *Lembra-te Mãe*. As notas musicais se expandem pelos bosques e as vozes argentinas quebram o silêncio da natureza. Tudo normal. Tudo como sempre. Ninguém pensa que este ato não será repetido, por muito tempo. Depois desta cena, chega a notícia do levante militar. As últimas horas do dia 18 de julho de 1936 acabam em preocupação e angústia. Os acontecimentos vão multiplicar-se de forma vertiginosa na semana seguinte. O irmão Diretor comunica a notificação oficial do estado de guerra. Faz-se uma refeição de irmandade, na Fonte do Carmo. É indispensável fortalecer a fraternidade antes de enfrentar a tragédia, que tanto se adivinha quanto se teme.



*Vista do Mosteiro de Santa Maria de Bellpuig de les Avellanes, em 1936*

O transmissor de recados de Os, município a que pertence o mosteiro, é sobrecarregado de perguntas, enquanto chega ao convento. O levantamento militar fracassa em Lleida, abortado pelas forças de assalto e os milicianos. Os comitês comunistas dominam a entrada e saída de Balaguer. O irmão Felipe José, mestre de noviços, quer ir a Barcelona no dia 20 de julho, mas é detido e deixado em liberdade. Regressa ao mosteiro. Retira-se o primeiro juvenista, a pedido dos pais. O prefeito interino de Balaguer, destacado líder socialista, sobe ao mosteiro, para anunciar que têm a intenção de converter o mosteiro em hospital de sangue.

4. No dia 25 de julho chegam os primeiros milicianos. Colocam um cartaz «Hospital de sangue» e a bandeira vermelha, que ondeia na enfermaria. Decide-se a dispersão. Isto significa abandonar o mosteiro e procurar alojamento nas casas dos povoados vizinhos. Juvenistas e escolásticos irão ao povoado de Les Avellanes; os noviços, em Vilanova; os Irmãos anciãos, a Vilamajó. Alguns Irmãos se distribuem entre os grupos; outros partem, sem rumo fixo. Os carros carregados de alimentos a caminho de Vilanova devem regressar ao mosteiro a instâncias dos milicianos. As famílias dos povoados vizinhos adotam atitude de acolhida digna

de encômios, e tratam os seminaristas e os Irmãos como se fossem filhos da família. Criaram-se laços que o tempo não destrói. «Chegou nosso Irmão», dirão mais tarde.

5. Os milicianos como vândalos destroçam monumentos e estátuas, como o Sagrado Coração de Jesus do claustro, o santo Cristo, e a Virgem da igreja, a Virgem da fonte da entrada, a cruz de remate, obra valiosa do século XVI, e o monumento à Virgem do Cerro. No restante, os estragos são menores. Em setembro de 1936, o mosteiro se converte em sanatório para enfermos mentais. Não obstante, a cegueira se volta contra as pessoas. O Irmão José Oriol de 50 anos e o Irmão Félix Alberto de 19 anos são assassinados na valeta da estrada, ao terminar a subida do Santo Cristo de Balaguer. São as primeiras vítimas.
  
6. Martírio do Irmão Crisanto. O Irmão Crisanto, madrilenho, se encarrega dos juvenistas que são os seminaristas menores. Trata-se de missão de confiança: cuidar das sementes de futuros Irmãos. Quando tomou o hábito, em 2 de fevereiro de 1915, tem quase 18 anos. Anota em sua caderneta: «Deus queira que este dia nunca se apague de minha memória e no final coroemos nossa vida com a morte de um Irmão Marista, cantando *Ave Maris Stella*. Já chegou o seu dia, Irmão, de unir-se a Deus e de oferecer-lhe, sem reserva, o seu coração». Ele cuida com afã dos juvenistas que se encontram em famílias e granjas de Tartareu e no povoado de les Avellanes. Não obstante, tem de apresentar-se, duas vezes ao dia, na prefeitura para confirmar presença. Perspicaz, tem consciência de que sua sentença de morte já está decidida e que o vão matar. Pede orações e intensifica ainda mais, se é possível, seu carinho no trato com os juvenistas. Oferecem-lhe um esconderijo; mas recusa para não pôr em perigo a vida dos meninos. Ele prometeu apresentar-se, todos os dias, perante o comitê e vai cumprir a palavra. Afirma: Se

me matam, será pelo único motivo de ser religioso marista, ou porque cumpro o meu dever. Se isto acontecer, me considero feliz! Como vou abandonar meus queridos aspirantes? Enquanto eu viver, e com a ajuda de Deus e da Santíssima Virgem, cuidarei de todos eles!

No dia 27 de agosto, quinta-feira, chega a Tartareu um grupo de milicianos de fora, para controlar o povoado. O chefe obriga as pessoas desocupadas a voltarem para suas casas. Afastam-se com o Irmão Crisanto uns 300 metros para lá da *Morada do Pastor*<sup>2</sup>, e o levam para um barranco. Os milicianos de fora convidam aos do comitê de Tartareu que executem o religioso. Estes se negam, dizendo que não têm coragem de matar um dos seus. Enquanto vão embora,



*Cruz que recorda o lugar do martírio do Irmão Crisanto, perto do «Mas del Pastor» em Tartareu (Lérida).*

---

<sup>2</sup> NdT: Lugar geográfico. O nome significa: morada do pastor.

ouvem-se sete ou oito disparos. Logo depois, uma segunda carga: para que não nos escape! Antes, o Irmão Crisanto lhes tinha suplicado: «Pelo amor de Deus, não me matem; deixem-me cuidar dos meus jovens!»! Os milicianos obrigam uns lavradores a enterrar o cadáver. Estes observam que o Irmão Crisanto aperta um pedacinho de madeira com os dedos em forma de cruz. Duas exumações posteriores, em 1940 e em 1967, confirmam que a mão direita está incorrupta e ainda conservam o pedacinho de madeira. Seus restos hoje repousam na igreja do mosteiro de les Avellanes. No dia 5 de outubro, os formandos passam a fronteira francesa, são e salvos. As orações do Irmão foram atendidas.

7. Os mártires do fronte. Os numerosos formandos jogam e se divertem durante os recreios, nos vários frontões da casa. As bolas de couro calejam a mão que, ao golpeá-las, com força, se esquentam e incham. Uma semana depois da morte do Irmão Crisanto, na quinta-feira, dia 3 de setembro, o frontão mais próximo da subida, que leva para o cemitério, torna-se cenário de nova execução.



*Frontão de les Avellanes. Lugar no qual quatro Irmãos foram martirizados.*



O *Peleteiro*, com dois outros milicianos armados, preparam os fuzis diante de quatro Irmãos Maristas, de traje civil, em fila contra a parede do frontão.

O Irmão Aquilino, de Lérida, submestre de noviços, é homem profundamente espiritual e muito bom pedagogo. Numa carta a sua irmã, escreve: «Quanto a nós, não se aborreça; as coisas mudaram muito, sem dúvida, as ameaças e insultos contra os religiosos, as igrejas e os conventos são frequentes; mas não esqueça que estamos nas mãos de Deus e que dependemos inteiramente dele. Ele nos chamou, nos reuniu e nos protege». Numa oração à Santíssima Virgem, pouco antes do martírio, reflete seu sentido místico: «Fazei que Deus se entregue à minha alma ou que a minha alma se entregue a Deus».

O Irmão Fabiano, barcelonês, o mais idoso do grupo, formou-se Irmão na França. Dedicou-se à educação. Tem sensibilidade especial para os mais necessitados e, às vezes, se transforma em mendigo, para ajudá-los. Um ano antes da morte, a sua saúde se deteriora e necessita retirar-se à enfermaria do mosteiro. Está gravemente doente.

O Irmão Félix Lourenzo, de Burgos, tem saúde precária. As reiteradas crises cardíacas levam-no à beira da morte. Recebe três vezes a unção dos enfermos. A gravidade da enfermidade que padece não o impede de manter o rosto sorridente e dedicar-se a pequenos trabalhos manuais que pedem detalhe e precisão. Pouco depois do levantar militar, deve ser hospitalizado. Os milicianos o retiram do hospital para levá-lo ao muro. Durante a execução se mantém em pé, com dificuldade. Procedente de família pobre, ele sente-se atraído pela vida marista. Frequenta os primeiros cursos.

O Irmão Ligorio Pedro, palentino, procedente de família pobre, sente-se atraído pela vida marista. Cursa os primei-

ros estudos maristas em Carrión de los Condes com a ideia de se dedicar às missões. Vai à França e aprende o francês. Após a profissão, tem de fazer dois anos de serviço militar. O Mal de Pott, enfermidade que afeta a coluna vertebral, causada por uma bactéria, irrompe na sua vida. Quer terminar os estudos, mas a enfermidade se agrava. Tem de retirar-se à enfermaria de les Avellanes. Os milicianos o tiram da cama e, sem oposição de sua parte, levam-no ao frontão.

O Irmão Aquilino, diante dos três Irmãos enfermos se dirige aos milicianos:

—Eu gostaria de lhes dizer algo.

—O *Peleteiro* responde: Diga-nos o que quiser, enquanto carregamos os fuzis.

—Como homem, eu lhes perdoo; como católico, lhes agradeço; pois vocês põem em minhas mãos, a palma do martírio, que qualquer católico pode anelar.

—Já terminou? Replica o *Peleteiro*.

—Viva Cristo Rei!

—Agora, vire de costas, ordena o miliciano.

—Não! de frente!

As quatro vítimas olham para os verdugos. As descargas ceifam suas vidas. São chamados os mártires do frontão. Na parede ainda se notam os buracos feitos pelas balas. O senhor Ramón Miranda (Ramonet), que trabalhava com os Irmãos e continuaria por anos com eles, até a sua morte, deu sepultura a estes mártires.

8. Os três de Saganta. O ruído do motor de um caminhão rompe o silêncio do campo de Saganta, um conjunto de casas, situado a uns cinco quilômetros de Estopiñán del Castillo, a 731 metros de altitude, na província de Huesca.

A senhora Joaquina Vidal, que está preparando a merenda, escuta o ruído. Com cuidado, de uma janela, observa o que se passa, com curiosidade e angústia. No caixão do caminhão há três homens. São três Irmãos Maristas: Emiliano José, Timoteo José e André José. Nós os denominamos: os três Josés. Estão em les Avellanes. Acompanham postulantes e noviços até Vilanova. Colaboram nas tarefas do campo; mas, no final de julho, têm de partir, para não despertar suspeitas e não prejudicar os formandos. Querem passar a Navarra. Quando chegam a Estopiñán del Castillo, pedem ao comitê um salvo conduto para evitar maiores penalidades e perigos. Os milicianos intuem que são religiosos e os prendem. Na segunda feira, 10 de agosto, passam a noite presos na prefeitura que serve de cárcere.

O Irmão Emiliano José, de Navarra, pertence à comunidade de Sabadell. O Irmão Provincial lhe pede que durante o verão, devido a um curso previsto para muitos participantes, se encarregue da roupa. Bom docente e perito em questões de eletricidade, ele está sempre disponível. Na alfaiataria se mostra também muito hábil. Poucos dias depois de chegar a les Avellanes, a voragem dos acontecimentos o engole.

O Irmão André José, de Navarra, turolense, é pessoa de um só endereço. Sempre em les Avellanes, encarregado da horta e da fazenda. Ingressa no postulado aos 25 anos. Tem de se acostumar aos estudos, quando o seu interesse é a horta e o jardim. Na última visita que faz ao seu povoado, uma senhora lhe promete torná-lo herdeiro dos seus bens, se ficar em casa. Respondeu: «É muito pouca coisa em troca de minha vocação».

O Irmão André José, de Navarra, filho de pedreiro, sofre um engano amoroso na época do noivado. Aos 28 anos, entra no noviciado. Trabalhos e consertos não faltam numa casa que acolhe mais de duzentas pessoas. Resolve tudo

com eficácia. Compagina trabalho e oração. Entusiasma-se com a próxima transformação de les Avellanes que não pode acabar pela situação política e social.

Os irmãos dedicados aos trabalhos manuais sempre foram respeitados, considerados e estimados pelos formandos.

A senhora do casario de Saganta, a partir da janela, continua observando. O caminhão se detém. Desce um homem. Os milicianos do comitê de Algaire, chamados para realizar a execução, disparam nas costas dele. Os outros dois também descem e sofrem a mesma sorte. O de Estopiñan se aproxima da casa e dirigindo-se ao marido da senhora, ordena: «Ali lhes deixamos três bichos. Enterrem-nos imediatamente.» Ao chegar ao lugar dos fatos, veem os três cadáveres com as três cabeças cobertas por boinas para esconder a ferida do tiro da misericórdia. Seus restos descansam hoje, no panteão de Tamarite de Litera (Huesca).

---

## Capítulo 2

### Comunidade marista de toledo

VIVI COM ELES, COM ELES QUERO MORRER!

23 e 24 de setembro de 1936

---



Irmão Cipriano José (Julián Iglesias Bañuelos).

Nascimento em los Valcáceres (Burgos), em 26 de fevereiro de 1893.

Mártir em Toledo, em 24 de agosto de 1936. 43 anos e 5 meses.



Irmão Jorge Luís (Lorenzo Lizasoáin Lizaso).

Nascimento em Irañeta (Navarra), em 4 de setembro de 1886.

Mártir em Toledo em 24 de agosto de 1936. 49 anos e 11 meses.



Irmão Jean-Marie (Félix Célestin Gombert Olimpe).

Nascimento: Em Trets (Bouches-du-Rhône), em 5 de abril de 1873

Mártir em Toledo, em 23 de agosto de 1936. 63 anos e 4 meses.



Irmão Júlio Firmino (Julio Muzquiz Erdozaín) .

Nascimento em Aldaba (Navarra), em 11 de abril de 1899.

Mártir em Toledo, em 23 de agosto de 1936. 37 anos e 4 meses.



Irmão Javier Benito (Jerónimo Alonso Fernández).

Nascimento: em Vologrejo (Burgos), em 1º de outubro de 1912.

Mártir em Toledo, em 23 de agosto de 1936. 23 anos e 10 meses.



Irmão Anacleto Luis (Emiliano Bustos Pérez)

Nascimento: em Quintanilla de San García (Burgos), em 5 de janeiro de 1913

Mártir em Toledo, em 23 de agosto de 1936. 23 anos e 7 meses.



Irmão Bruno José (Ángel Ayape Ramón).

Nascimento em Cáseda (Navarra), em 1º de outubro de 1915.

Mártir em Toledo, em 23 de agosto de 1936. 20 anos e 10 meses.



Irmão Evencio (Florencio Pérez Moral).

Nascimento: em Acedillo (Burgos), em 10 de outubro de 1899.

Mártir em Toledo, em 23 de agosto de 1936. 36 anos e 10 meses.



Irmão Abdón (Luís Iglesias Bañuelos).

Nascimento em Los Valcáceres (Burgos) em 19 de agosto de 1885.

Mártir em Toledo, em 23 de agosto de 1936. 41 anos.



Irmão Eduardo Maria (Francisco Alonso Fontaneda).

Nascimento: em Valtierra de Albacastro (Burgos), em 10 de outubro de 1915.

Mártir em Toledo, em 23 de agosto de 1936. 20 anos e 10 meses.



Irmão Félix Amancio (Amancio Noriega Nuñez).

Nascimento: em Aguilar de Campoo (Palencia), em 10 de Fevereiro de 1912.

Mártir em Toledo, em 2 de agosto de 1936. 24 anos e 6 meses.

- 
1. O Irmão Jacinto Luís entra no recinto do Colégio Santa Maria. Tem o coração angustiado. Ontem chega a Palencia um sargento do exército nacional, que lhe transmite um boato: «Todos os Irmãos foram assassinados». Hoje, sábado, 3 de outubro, chega a Toledo, com o desejo de se encontrar com uma realidade de mais esperança. Os superiores o enviaram para que recolhesse toda a informação possível e fidedigna sobre o acontecido aos Irmãos. O silêncio é a música de fundo do drama que seus olhos contemplam. O resultado está refletido no seu informe: «Dou voltas pelo pátio: milhares de objetos amontoados, destroçados, enegrecidos, em sua maioria... As paredes enegrecidas e de modo especial em alguns espaços. Entro nos quartos. Que sujeira! Desordem! Portas quebradas, janelas dependuradas, desmanchadas. Tudo oprime a alma que parece querer se exalar, ou ao menos fugir. O desgosto e a dor ferem os sentimentos. Saio para respirar outra atmosfera que não se veja carregada com tanta ruína e crime; ou, pelo me-

nos, desconhecidos, ou que não me recordem outros dias e lembranças como estas».

Ao sair, um ancião meio andrajoso avizinha-se e lhe pergunta:

—O senhor é marista?

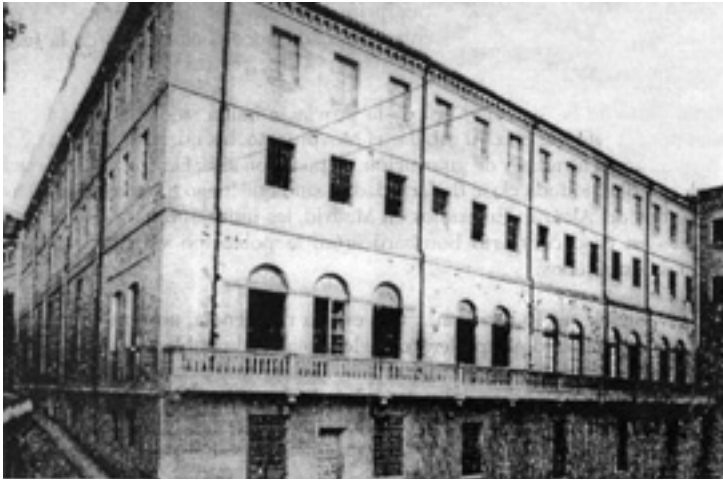
—Sim, senhor.

—Deixe-me dar-lhe um forte abraço! Duas lágrimas rolam por suas bochechas, que já parecem de papelão. Ai! Irmão, todos, todos mortos! Todos assassinados. Eles triunfaram!

É o capelão do mosteiro, de San Juan de los Reyes, que confirma os temores do Irmão Jacinto Luis. No entanto, o Irmão quer contrastar a informação que lhe deu este sacerdote. O dia seguinte é domingo e só há missa na catedral. Se há algum Irmão Marista vivo, ali estará. Não apareceu ninguém, apesar de estar à espreita. No cárcere, obtém a confirmação definitiva. Todos os nomes dos Irmãos estão ali inscritos e todos foram assassinados. Confirma-se a tragédia. Fim da indagação.

2. Toledo apresenta uma característica própria de muitas cidades italianas. Sua fama não procede do número de seus habitantes, mas da beleza de seus monumentos e das obras de grandes artistas, como El Greco, que alberga. No centro histórico, sobressaem as construções de pedra. O traçado tortuoso de suas ruas oferece um passeio pela história. No início da contenda, tinha apenas 35.000 habitantes. Os edifícios religiosos, entre o quais se destaca a catedral, proliferam por toda a parte. No aspecto militar se destacam, por um lado, o Alcázar, que serve de escola para os jovens oficiais e, por outro, a fábrica de armas que proporciona centenas de milhares de cartuchos. A Guarda Civil e a direita política convertem a cidade em núcleo de resistência, em face das forças revolucionárias procedentes





*Vista exterior do Colégio Marista Santa Maria. Toledo 1936.*

de Madrid. A proximidade geográfica com a capital da Espanha transforma Toledo num cenário de enfrentamentos e num campo militar de operações. No Alacázar se concentram as forças fiéis ao levante militar. Levam à fortaleza numerosas armas e munições da fábrica. O General Moscardó escreve páginas de resistência ante um cerco que dura setenta dias. Excetuando algumas Filhas da Caridade, nenhum sacerdote, nem religioso se refugia no Alcázar. Pode ser que não imaginem o que pode acontecer ou pensam que as águas não sairão de seu curso. A realidade desmentiria com extrema crueza suas previsões ingênuas.

3. Os milicianos selecionam previamente os presos que deverão prender e encarcerar. Qualquer informação minimamente confiável serve para o seu trabalho. A contundência na hora de agir lhes proporciona bons resultados. O Colégio Santa Maria não os vai enganar. Fundado em 1903, conta com 500 alunos. A academia dos Irmãos tem térreo e três andares, dos quais o primeiro tem um balcão que se prolonga por toda a fachada. Um lugar seguro para en-

contrar e encher as celas do cárcere de possíveis suspeitos e culpados. Empregam a tática habitual: dar vários tiros e rebentar as portas. O ruído e a violência sempre amedrontam e provocam medo. Este procedimento lhes permite tornarem-se donos da situação. Depois dos disparos, 500 milicianos assaltam o colégio, dependência por dependência. Destroem as portas fechadas. Querem evitar qualquer surpresa. As pessoas que estão ali dentro são avisadas para que desçam ao pátio. Colocam-nas em fila, virados de cara para a parede. O porteiro e o camareiro são postos em liberdade, mas os Irmãos vão para a prisão. A busca permite descobrir alguns símbolos religiosos, que incendeiam os ânimos e estimulam o desprezo dos milicianos com sonoras blasfêmias. O Irmão Cipriano José, Diretor, sente sobre seus ombros, o peso da responsabilidade pelo grupo e experimenta a sensação de impotência. Rosários, meda-lhas ou escapulários são atirados ao chão e pisoteados. Os Irmãos intuem que não lhes é reservada melhor sorte. Seus concidadãos seriam mais respeitosos, porque os conheciam pessoalmente e conheciam seu trabalho pedagógico e educativo com as crianças e adolescentes toledanos.

4. Na prisão, confluem três elementos dramáticos: a dureza das condições físicas e alimentares; o desprezo, a caçoada, e as ameaças dos carcereiros e a intuição de morte inevitável. A comida é escassa e a água contém imundícies e larvas. A botija oculta o que bebem por que se soubessem o conteúdo, o nojo provocaria vômitos. Olhos que não veem... Mas o tratamento é pior ainda. Mostram-se indefesos diante dos insultos e caçoadas que, no entanto, consolidam sua condição de religiosos e os laços de fraternidade. As ameaças provocam calafrios: «Logo virá o passeiozinho e tudo estará acabado». O passeio, na gíria do momento representa a antessala da morte. Ante a iminência do fim, intensifica-se o vínculo com Deus. A oração se torna assí-



*Comunidade de Toledo, no ano 1935-36.*

dua. Repete-se a oração de Jesus no Horto das Oliveiras: «Se é possível, afasta de mim, este cálice, mas não se faça minha vontade e sim, a tua». Vivem nestas condições, algo mais do que um mês. Em Toledo serão assassinadas entre 450 e 500 pessoas, incluídas as comunidades religiosas de carmelitas e maristas.

5. O Cônsul francês chega ao cárcere e consegue entrevistar-se com o Irmão Jean-Marie, o mais idoso da comunidade, que é de nacionalidade francesa. Comunica-lhe que começou os de sua extradição. Os outros Irmãos tentam convencê-lo de aproveitar a oportunidade de se libertar.

O Irmão Jean-Marie tinha chegado à Espanha aos 19 anos e foi destinado como professor no juvenato de Mataró. No país, durante 44 anos, deu educação cristã em colégios de diferentes cidades e foi Diretor em Malgrat (Barcelona) e Cullera (Valência). Há já 15 anos está em Toledo. Em sua formação conheceu Irmãos que tinham vivido com Champagnat e os primeiros Irmãos. Perito em instalações

elétricas, é professor notável, em Física e Ciências Naturais e dá aulas também no Seminário de Toledo. Por sua condição de cidadão francês poderia sair livre, mas a sua resposta ao cônsul não se deixa esperar: «Isso, nunca! Estive vivendo com eles, com eles quero morrer». Não existe escapatória individual, mas compromisso comunitário até o fim.

6. O ruído dos motores da aviação nacional atoa sobre a cidade, para bombardear alguns pontos nevralgicos. Um avião sobrevoa, em baixa altura, o Alcázar para lançar víveres e uma mensagem de apoio. A aviação da República contra-ataca e por um erro de pontaria, mata dezenas dos seus. A represália não se deixa esperar. Dez Irmãos da comunidade, com vários sacerdotes, vão dar «o último passeio». Sem julgamento nem defesa, eles são parte da comitiva. No momento, um escapa ao controle e não o incluem na lista.



*Paróquia de Santa Teresa, em Toledo, onde repousam atualmente os restos de oito dos onze Irmãos mártires da comunidade.*

Encabeça o grupo marista o Irmão Cipriano José que já tem quatro anos de Diretor. As suas origens burgalesas têm algo em comum com o Caminho de Santiago. Goza de grande prestígio pela sua capacidade intelectual, com brilhante título de licenciatura, por seu radicalismo evangélico, especialmente no campo da pobreza e por seu zelo apostólico. Os Irmãos o aceitam como líder, por sua humildade e espírito comunitário.

O Irmão Abdão tem dois anos menos que o Irmão Cipriano José, seu mano. Assim, dois laços os unem: o marista e o do sangue. Crescido à sombra do mano, Abdão cultiva a simplicidade, a seriedade, a reflexão e o serviço que compagina com o sentido de dependência. Ao chegar a Toledo, seu Irmão estava na cidade havia já três anos. Voltam a viver juntos para partilhar o destino final.

O Irmão Júlio Firmino, procedente de um pequeno povoado de Navarra, entra, aos quinze anos no juvenato de les Avellanes, como postulante. Impregnado pelo ambiente religioso de sua família, se destaca por colocar seus talentos e bom caráter a serviço da comunidade e da educação. Seus modos agradam aos alunos e famílias. Os Irmãos de comunidade são os primeiros beneficiados por seu sorriso e alegria.

A comunidade de Toledo é jovem e dinâmica. O Irmão Xavier Benito é um dos cinco Irmãos com menos de 25 anos. Comparte com o Irmão Diretor as influências do Caminho de Santiago. Nas primeiras etapas de formação é encarregado de cuidar dos recém-chegados. Leva a cabo um duro aprendizado como educador em Lleida e em Madrid, até que é enviado a Toledo. Um companheiro o define como companheiro esperto, amável e trabalhador.

O Irmão Anacleto Luís conviveu com o Irmão Javier Benito no juvenato de Arceniega, em que ingressam no mesmo

ano. Juntos, fazem o mesmo itinerário formativo, até emitirem os primeiros votos, no mesmo dia, 8 de setembro de 1929; fazem, juntos, o o período do escolasticado. Poucos anos depois compartilham de novo sua vida na comunidade de Toledo. Servicial e dedicado, tem de lidar com a difícil arte da disciplina escolar. No entanto, nada impede que ele sorria e ajude.

O Irmão Bruno José, um dos três navarros da comunidade, tem apenas 21 anos. O Irmão Dominicio o define como «um jovem angelical, de bom caráter, simpático, vivaz, atraente, cuidadoso de sua pessoa e de seu aspecto agradável». Quando estava em Madrid, sua mãe e sua irmã o visitaram. Não se esconde a preocupação materna. Teme o perigo que correm os religiosos. Responde à mãe: «Que felicidade seria para mim, morrer mártir!»! A mãe põe-se a chorar. Para consolá-la acrescenta: «Não se preocupe, pois no colégio há uma porta nos fundos, para fugir». No seu povoado se celebra solene funeral. No sermão, o Padre, interpretando o espírito do Irmão Bruno José, exorta à reconciliação e ao perdão dos inimigos.

O Irmão Evencio, um dos seis burgaleses que integram a comunidade, depois de oito anos em Lucena (Córdoba), chega a Toledo em agosto de 1935. Tem muita experiência como regente de internato e sabe compaginar compreensão e disciplina, respeito e exigência. Irmão que deixa marca, será chorado por seus antigos alunos e pessoas que o conheciam. Destaca-se por sua altura física e ao mesmo tempo por sua proximidade com os jovens.

O Irmão Eduardo Maria é o mais jovem da comunidade. Vai completar 21 anos. Ao terminar o período de formação em Arceniega (Álava), e les Avellanes (Lleida), seu primeiro destino é Toledo. Ali se incorpora ao trabalho educativo, mantendo atitudes de formando. Seu espíri-

to de oração se evidencia por suas frequentes visitas ao Santíssimo Sacramento. Mostra-se dócil e obediente. Com outros quatro Irmãos, um pouco mais velhos que ele, forma o grupo dos jovens.

O Irmão Félix Amâncio é o único palentino da comunidade. Parece ter-se estabelecido definitivamente em Toledo, depois de ter tido em quatro anos, quatro destinos diferentes. Recentemente fez os grandes exercícios espirituais de um mês de duração e a profissão perpétua. Consciente do momento político que vive, não ignora que o fato de ser religioso o põe em perigo. «Não nos devemos afligir. Se nos matam, morreremos mártires!» Esta sua frase, jovem de 24 anos, adquire maior relevo, pela coragem em face da adversidade.

7. O relato do martírio é rápido, mas carregado de emoção. Atam os prisioneiros dois a dois, que avançam em fila, rezando, até San Juan de Reyes e a Puerta de Cambrón, outros ficaram em Fuente Salobre. As metralhadoras e os piquetes de execução estão prontos. Os disparos terminam com suas vidas. Os corpos se amontoam. Depois de algumas horas, são levados em carros para o cemitério onde são jogados em fossas comuns. Era o dia 23 de agosto de 1936, domingo.

O Irmão Jorge Luís, por ter-se ocupado em trabalhos de cozinha, não é tirado com o grupo. É o único Irmão da comunidade. Mas por pouco tempo. Os milicianos ao voltar para a prisão se dão conta do esquecimento e marcam sua execução para o dia seguinte. Leva quase 20 anos em Toledo, período que foi interrompido apenas pelos segundo noviciado em Grugliasco, Itália. É de grande tamanho físico e de grande bondade. Tem amigos de todos, os tipos e em comunidade, por ser administrador, mostra coração de mãe. Como educador cria

entre os alunos, um espírito democrático e participativo, para praticar a justiça.

Quando o vão fuzilar, antes de exclamar: Viva Cristo Rei, declara na frente dos milicianos que eles são uns covardes, porque assassinam pessoas inocentes e indefesas. Com a morte do Irmão Jorge Luís, se eleva a onze o número dos Irmãos mártires da comunidade de Toledo.



---

## Capítulo 3

### Comunidade marista de Valência

#### TANTO EM TEMPOS DE PAZ COMO EM TEMPOS DE GUERRA

4 de agosto de 1936 e 5 de outubro de 1936

---



Irmão Luís Damián (Joseph Sobraqués Glory).  
Nascimento em Bouleternère (França), em 28 de março de 1891.  
Mártir em Valência, em 4 de agosto de 1936. 45 anos e 4 meses.



Irmão José Zeferino (Elías Garet Ventejo).  
Nascimento em Centelles (Barcelona), em 28 de janeiro de 1905.  
Mártir em Valência, no dia 4 agosto de 1936. 31 anos e 6 meses.



Irmão Berardo José (José Pampliega Santiago).  
Nascimento Cañizar de Argaño (Burgos), em 27 de agosto de 1912.  
Mártir em Valência em 4 de agosto de 1936. 23 anos e 11 meses.



Irmão Benedito José (Lúcio Galerón Parte).  
Nascimento em Yudego (Burgos), em 13 de dezembro de 1912.  
Mártir em Valência, no dia 4 de agosto de 1936. 23 anos e 7 meses.



Irmão Valente José (Jesús Delgado de la Fuente).

Nascimento Mazuelo de Muñó (Burgos), em em 17 de abril de 1894.

Mártir em Barcelona em 5 de outubro de 1936. 42 anos e 6 meses.



Irmão Elói José (Eloy Rodríguez Gutiérrez).

Nascimento em Torrepadre (Burgos), em 9 de setembro de 1899.

Mártir em Barcelona, em 5 de outubro de 1936.

---

1. A ceia do dia 19 de julho, domingo, como de costume, foi às 8h30 da tarde. Os Irmãos da comunidade do *Liceu de Mayans*, que se encontra no número 5 da Praça Mirasol da cidade de Valência, estão no refeitório. Não há muito apetite. No ambiente pesa a tensão política, a violência na rua, a insegurança do futuro. Alguns Irmãos têm muito vivas na retina as imagens que acabam de ver durante o passeio desta tarde. Ares de revolução. Um pequeno rádio lança ao ar notícias que preocupam. Depois do jantar o Irmão Diretor reúne a comunidade na sala de estudos. Analisa-se a situação, confusa socialmente e se dá liberdade a cada Irmão de ficar no colégio ou ir dormir fora. Metade por metade. Em casa, uns dormem e outros vigiam. Na manhã seguinte, a comunidade se reúne. Na capela, um sacerdote amigo, celebra a missa. No dia 20 de julho, segunda feira, se declara uma greve geral indefinida para protestar contra a revolta militar. Na cidade, o General González Carrasco se mostra vacilante e as esquerdas tomam conta da rua.



*A Academia Nebrija, situada no Paseo de la Alameda, 11, em 1903, ano de sua fundação.*

No Passeio da Alameda, existe outra comunidade que gestiona a *Academia Nebrija*. Os Irmãos para driblar a proibição de ensinar, feita às congregações religiosas, dão aos seus colégios nomes que não suscitam suspeitas. Os acontecimentos se precipitam e no dia 21 de julho, as Igrejas e até mesmo a catedral se transformam em colunas enfumaçadas. No dia seguinte, uma patrulha os obriga a deixar o centro. Na festividade de Santiago podem voltar ao *Liceu* para comerem juntos, pela última vez. Logo a dispersão em pensões ou casas particulares.

2. Valência é cidade dinâmica. Banhada pelas águas do Mediterrâneo. A presença marista data de 1897 e a fundação do primeiro colégio tem cores internacionais. Três Irmãos (um francês, um italiano e um suíço) abrem a primeira escola na Rua Portal de Valldigna. O aumento espetacular do alunado e a inovação de seu projeto educativo requerem contínuas mudanças de lugar. A *Academia Nebrija*, situada no passeio da Alameda, nº 11, é atendida por uma co-

munidade de seis Irmãos. Nela são dadas aulas de ensino primário e os três primeiros anos do secundário. Os alunos que terminam aqui seus estudos costumam terminá-los no *Liceu Mayans*. As duas comunidades mantêm ótimas relações. No Natal e nas primeiras comunhões, os Irmãos costumam reunir-se e partilhar as orações e a mesa. Assim se repartem também os compromissos. Por cada vez que os de Mirasol, que são mais numerosos, os da Alameda vão duas vezes.

3. Quatro dos Irmãos da *Academia Nebrija* são martirizados, na terça-feira, dia 4 de março de 1936. O Irmão Luís Damián é o diretor. De origem francesa, é de uma família de recursos, mas muito religiosa. Quando, em 1903, os religiosos foram expulsos da França, o rapaz quis seguir aos seus formadores, com grande sacrifício da família, pois era o único homem e o herdeiro. Aos 12 anos, ingressa no juvenato de Vic. Acabada a formação, suas comunidades são: Barcelona, Zaragoza, Valência e Murcia. Em 1935, dirige o colégio da Alameda. Como religioso é muito rigoroso, mas bondoso e metuculoso na preparação das aulas e da catequese. Silencioso, vive de pleno o espírito de oração.

O Irmão José Zeferino, barcelonês, concluído o processo de formação, é mandado a Alcoy e Valencia (La Alameda). Daqui, salta para Marrocos, onde dá aulas em Larache e Alcazarquivir. É o subdiretor e forma um par perfeito com o diretor. Há quem afirme «que foram feitos para viver e para morrer juntos». Devido à sua juventude, e que o cargo de subdiretor não implica afastamento, é mais acessível para Irmãos e alunos. Destaca-se pela piedade e espírito de sacrifício.

Os Irmãos Berardo José e Benedito José são burgaleses, jovens de 23 anos, com apenas quatro meses de diferen-

ça entre os dois. A amizade inquebrantável foi forjada durante os seis anos, em que viveram juntos no período de formação. O único destino do Irmão Berardo José, é Valência. Começa em Mirasol e três anos depois está em la Alameda. O Irmão Benedito José apresenta percurso maior: Vallejo de Orbó (Palencia), Barruelo de Santullán (Palencia). Logroño y en1935, Valência, onde se encontra, de novo, com seu amigo. A partir de então os dois partilham o destino. Dois caracteres distintos, mas complementares. O Irmão Benedito é piadeiro e falador. Sob esta pátina superficial, se esconde um critério de profundidade: Temos de estar preparados para tudo o que possa acontecer! O Irmão Berardo José, mais sério, é complacente e acolhedor.

Empenham-se os dois para obter o título de professor. Combinam o apostolado com os estudos. Eles transformam em realidade uma frase típica da época: «Religiosos e estudantes, religiosos adiante!» Não há contraposição, mas síntese.

Os Irmãos Manuel Solá e Barnabé José, membros da comunidade da *Academia Nebrija*, escapam e tentam voltar a seus lugares de origem.

4. O diretor se refugia na casa do Dr. Zumalacárregui. Ao conhecer as ameaças de represália, se translada à casa do padeiro, Sr. Andreu. Em tempos difíceis as relações estão na ordem do dia. A patrulha consegue a presa. O Irmão Luís Damião é detido na rua e conduzido a um comitê que o interroga. Ao mesmo tempo se anota a casa onde se hospeda. Os dados não coincidem porque é francês, nacionalizado espanhol, para poder dar aula; mas, graças à intervenção de um operário do sindicato, não se cumprem as ameaças contra o padeiro. Por sua vez, o Irmão José Zeferino subdiretor se hospeda na casa do capelão do colégio. Os dois são levados presos. Por outro lado, os dois

Irmãos jovens passam por momentos de angústia. Alojaram-se em pequena pensão na Rua Puñalería, muito perto da catedral valenciana. Como toda a pessoa perseguida, vivem no fio da navalha. Uma patrulha de quatro pistoleiros os detém. Não lhes dão nem tempo de terminar a sopa, recorda a dona da pensão.

5. O colégio dos Salesianos, na Rua Sagunto, converteu-se em prisão improvisada – «checa», palavra de reminiscências bolcheviques; são cárceres controlados pelos comitês. Os quatro maristas são conduzidos para lá. O pároco de Benissa (Alicante), também preso, ouve em confissão o Irmão Luís Damião. Depois de receber a absolvição, o Irmão lhe comunica: «Vou contente e satisfeito ao martírio. Sei que esta noite nos matarão». E insta ao pároco que pregue o reinado de Cristo, para que «o nosso sangue não seja derramado em vão». Ungria, chefe do cárcere, irrompe na sala e grita: o superior dos maristas e seus quatro companheiros! Trata-se dos quatro Irmãos e do capelão do colégio. Todos seguem Ungria. Cinco disparos rasgam o silêncio da noite. Depois, ouvem-se batidas de martelo que pregam as madeiras dos caixões. Isto aconteceu entre as dez e as onze horas da noite do dia 4 de agosto. A rotina desalmada e a falta de razão de uns executores inclementes conduzem suas vítimas à épica do martírio.
6. Em Valência, a situação se agrava. Os Irmãos que ainda se encontram ali procuram evitar o cárcere ou a morte. Neste clima de preocupação, angústia e insegurança chega no trem procedente de Barcelona, o Irmão Carlos Vítor, delegado do Irmão Laurentino, provincial. Comunica ao Irmão Valente José uma proposta, tão sugestiva quanto arriscada. Consiste em ir a Barcelona para tomar um barco, Santo Agostinho e escapar para a França. Tomaram-se todas as

garantias para que a operação fosse coroada de êxito. O Irmão Valente José, percorrendo diversas pensões e hoteizinhos, informa os Irmãos a respeito desta possibilidade. Não se chega à unanimidade, na hora de decidir. Entre eles surgem três alternativas: Há os que não se fiam e creem que não é conveniente viajar para Barcelona; seguir de navio significa pactuar com um adversário pouco fiável e não assegura bom resultado; viram coisas demais, em poucos dias. Outros se oferecem para integrar uma segunda expedição, que está prevista e programada quando se conheça o êxito da primeira. Finalmente, um grupo integrado por cinco Irmãos aceita a proposta, mas com receio. Trata-se dos Irmãos Antonino, Valente José, Crispim López, Eloy José e Martiniano. Em tempos difíceis, em que a delação e a suspeita campeiam livremente, a confiança se derrete e a incerteza não desaparece nunca. São momentos complicados para decidir.

7. Amparados pelas sombras da noite, os cinco que decidiram ir para Barcelona se dirigem à estação central de Valência, acompanhados pelo Irmão Carlos Vítor. Pouco antes tinham jantado, tinham-se despedido dos demais Irmãos e tinham recebido algum dinheiro para enfrentar possíveis ocorrências. Apertos de mãos e olhares carregados de sentimentos contidos. Acompanham-nos três Irmãos: O Irmão Inocêncio Mateus não consegue conter suas reticências. Disse-lhes: «mais vale o mau conhecido do que o bem desconhecido». Levam um salvo conduto que será respeitado por qualquer miliciano ou polícia. O Irmão Crispim, na estação, fala com um Irmão carnal do Irmão Eloy José. São observados por indivíduos desconhecidos. Finalmente o trem parte e diminui a tensão à medida que o trem se afasta. O barulho do trem ministra música de fundo às imagens vividas nestas últimas semanas que desfilam pelas suas mentes. Depois de uma hora e meia de viagem, quan-

do os olhos se esforçam para não dormir, se apresentam quatro indivíduos que exigem a documentação dos Irmãos Carlos Vítor, Crispim e Antonino. Apesar de os documentos estarem em regra, põe numerosos obstáculos aos Irmãos, argumentando que há trapaças. O trem chega a Castellón. Obrigam-nos a descer. Tiram-lhes o dinheiro e o interrogatório se centra em averiguar a finalidade da viagem e a localização dos superiores. Adotam a estratégia de interrogá-los separadamente. Começam pelo Irmão Crispim. Insultos e tapas se sucedem perante respostas tão pouco esclarecedoras. Deixam o Irmão ferido e com o olho esquerdo inchado. Depois, é a vez do Irmão Antonino. Simulam muitas vezes executá-lo, fazendo finalmente disparos no ar. Depois, bofetadas e tapas. Devolvem-nos finalmente a Valência onde os espera o calabouço.

8. Os Irmãos restantes prosseguem a viagem. O Irmão Martignano chega a Barcelona e partilha a sorte do grupo que se encontra na prisão de San Elias. Os Irmãos Valente José e Eloy José encontram a morte antes de juntar-se aos companheiros.

O Irmão Valente José, burgalês, forma parte de uma família cristã muito numerosa em Mazuelo de Muñó, povoado de 130 habitantes. Aos 13 anos ingressa no juvenato de Vic. Acabado o período de formação, seus destinos são: Barcelona, Toledo, Madrid, Murcia, Toledo, Gerona, Valencia, Zaragoza, Grugliasco e Pamplona. Regressa pela segunda vez a Valência, para trabalhar no Liceu Mayans. Trata-se de um educador eficiente que dá aulas no curso secundário. Seu caráter decidido e valente, o leva a aceitar a proposta de ir para Barcelona, depois de funcionar como informador para seus Irmãos.

Irmão Eloy José, da localidade de Torrepadre, de Burgos, procede também de família numerosa e bem cristã.



Aos 11 anos ingressa no juvenato de Arceniega (Álava). Depois de terminada a formação, seu destino principal foi Burgos. Em dois períodos em Valência, leva avante seu trabalho educativo e pastoral, com um parêntesis de três anos em Cartagena. É valorizado como educador bom e eficiente, que se faz benquisto por seus alunos. Comporta-se sempre com simplicidade e discrição, sem fazer-se notar.

Não se sabe, com precisão, onde são assassinados. Deve ter ocorrido depois de Castellón, na noite de 5 para 6 de outubro, visto que continuam a viagem em trem. Alguns testemunhos afirmam que a morte ocorreu quando o comboio chegava a Barcelona ou a suas imediações. Pode ter-



*Durante a República o Colégio tomou o nome de Liceu Mayans. Estava situado na Praça de Mirasol, 5.*

-se dado, para o Irmão Valente José, em Horta e para o Irmão Eloy, na mesma capital catalã.

Como os assassinatos, com frequência, apenas deixam rastro, é difícil localizá-los. O fiasco da primeira viagem em navio, devido à traição das autoridades, impossibilita a realização de segundo intento.

---

# Capítulo 4

## Comunidade marista de Vic (Barcelona)

SABEMOS PERFEITAMENTE O QUE PROCURAMOS  
E O QUE ISTO NOS CUSTA

1 de agosto e 8 de setembro de 1936

---



Irmão Severino (Severino Ruiz Hidalgo).

Nascimento em Fuencalliente de Lucio (Burgos), em 5 de novembro de 1907.

Mártir em La Palma de Cervelló (Barcelona), em 1º de agosto de 1936. 28 anos e 8 meses.



Irmão José Teófilo (José Mulet Velilla).

Nascimento em Mazaleón (Teruel), em 28 de junho de 1917.

Mártir em Palma de Cervelló (Barcelona), em 1º de agosto de 1936. Tinha 19 anos e 1 mês.



Irmão Justo Pastor (Máximo Aranda Modrego).

Nascimento em Gallur (Zaragoza), em 3 de setembro de 1907.

Mártir em Barcelona, em 8 de setembro de 1936. 29 anos.



Irmão Alípio José (Maxiamiano Drona Leoz)

Nascimento em Ustárroz (Navarra), em 8 de julho de 1916.

Mártir em Barcelona em 8 de setembro de 1936. 20 anos e 3 meses.

---

1. Como o dia 19 de julho é domingo, é de dia de passeio. Segue-se o regulamento ordinário, apesar de que as notícias chegam confusas. O exército da África se levantou, mas parece que Vic está ainda afastada dos núcleos de agitação. As inquietantes ondas expansivas de Barcelona e seu cinturão vermelho chegaram logo a Vic, capital da comarca de Osona, a 69 quilômetros. Os Irmãos que acompanham os juvenistas vestem batina. Dirigem-se ao campo, atravessando a cidade. Notam algo de estranho nos olhares dos transeuntes que se cruzam com eles. Ao voltarem para casa, amigos os aconselham a não saírem à rua de batina. Nada é como antes e há presságios de tempos de turbulência. A greve geral indefinida, proclamada no dia seguinte, gera tensões. A cidade é sé episcopal. Conta com pouco mais de 15.000 habitantes. É considerada como cidade levítica, por causa dos muitos conventos, fundações e centros religiosos. As pinturas de Sert que ornaram a catedral, conglomerado de estilos diferentes, são devorados pelas chamas. A nova ornamentação realizada pelo artista depois da guerra civil, refletirá, com seus claro-escuros, a paixão de Cristo e o sofrimento da humanidade. Arte inspirada na experiência da dor vivida.
2. A presença marista em Vic conta com três centros: o colégio desde 1888; juvenato, desde 1903; a alfaiataria provincial, desde 1909, ano da Semana Trágica. Formam a comunidade do juvenato sete Irmãos, comandados pelo Irmão Jerônimo Emiliano. Vic, a cidade dos Santos, é lugar ideal para a formação de futuros maristas. Quando concluem sua preparação em Vic, passam para les Avellanes para continuar as três etapas seguintes. O colégio ocupa o antigo convento dos Carmelitas e nele trabalham seis Irmãos. Diretor é o Irmão Carlos Maria. O Irmão Afonso dirige a alfaiataria provincial.



*Convento do Carmo em Vic. Casa de formação dos Irmãos Maristas.*

3. Os Irmãos são previdentes. Se a situação se complica, já têm um plano B que começam a executar no dia 20 de julho, às 7 da tarde. Trata-se de colocar uns 35 juvenistas maiores nas fazendas e casas de campo com as quais tinham combinado previamente a acolhida. Os Irmãos os acompanham. Todos levam provisões e roupa. Can Arnegol é a primeira parada, onde pernoitam. No dia seguinte, se distribuem em diversas fazendas. Os 48 juvenistas restantes viajam mais tarde. Os Irmãos se dispersam, mas alguns permanecem no colégio. Apesar de que já tenham começado os saques e os incêndios. Um vizinho delata aos milicianos que os Irmãos têm uma emissora clandestina e uma metralhadora. A inspeção confirma que se trata de um furo. Os disparos, as chamas das fogueiras, os rumores de assassinatos mantêm a alma inquieta.

Obrigam aos administradores maristas a sacar os depósitos bancários e a entregá-los ao comitê de Vic. No dia 28 de julho, se concentram na casa praticamente todos os Irmãos e perto de 60 juvenistas que voltaram das fazendas. Os milicianos ordenam aos gritos: de agora em diante, fica proibida toda relação entre professores e alunos. Põem os juvenistas em fila, fazem a lista e os levam para a Casa de Caridade. Quando chegam ao refeitório, se fecham e não querem provar nada. Os milicianos têm que recorrer a um Irmão para que desbloqueie a situação. Os juvenistas voltam para suas famílias. Durante algum tempo ficam ainda 19 juvenistas procedentes de famílias castelhanas ou navarras.

Os Irmãos têm que dispersar-se. A despedida foi emocionante. Ninguém sabe que sorte os espera. Uns vão à estação, outros se escondem em casas de conhecidos ou vão à família.

4. No dia 30 de julho, quatro Irmãos jovens caminham de Vic para Barcelona. Entre eles estão os Irmãos Severino e José Teófilo. Instalam-se na pensão Santo Antônio. No dia seguinte arrumam sua documentação e se encontram no parque com seu diretor, que levava um juvenista para a casa dos pais. Pelas dez da noite, encaminhando-se em direção à rua de São Paulo, onde se encontra a hospedagem, um grupo de exaltados grita: «Mãos ao alto!» Ameaçam-nos com suas pistolas, os revistam, tiram-lhes seus pertences e, dois a dois, conduzem-nos à masmorra mais próxima. Seguem-se interrogatórios e ameaças. Querem arrebatam informações. Instam-nos a que falemos. Com astúcia se pres-tam a isso. Respondem às perguntas, sem fornecer nenhum dado. Nodia 1º de agosto, sábado, às 4 da manhã levam-nos para o passeio da morte, em dois carros. No primeiro vão os Irmãos Dionísio David e José Teófilo. O último é

turodense e muito jovem, só tem 19 anos. Mostra-se sempre jovial, franco, sério, trabalhador e alegre. Um Irmão carnal dele é também marista. Vic é seu primeiro e único destino. Seu companheiro, o Irmão Dionísio consegue livrar-se e corre escondendo-se num milharal vizinho e depois num matagal, até chegar ao rio. Enquanto pensa por onde atravessá-lo, escuta uma descarga que põe fim à vida do Irmão José Teófilo.

5. O outro carro, que estaciona perto do primeiro, no término municipal da Palma de Cervelló, segue os Irmãos Severino e Cleto Luís. A família do Irmão Severino é numerosa. Seus pais têm sete filhos, quatro dos quais são maristas e várias filhas religiosas. Apesar de seu desejo de ser Irmão, os pais o seguram em casa. Passa três anos de serviço militar na África e finalmente obtém licença para se tornar marista. Seus dois destinos tem que ver com a formação, à qual contribui como regente e encarregado da disciplina entre os noviços e juvenistas. Pouco antes escrevera a seus pais e Irmãos: «Não se preocupem co-



*Juvenistas jogando bandeira, no pátio, durante o recreio.*

nosco. Sabemos perfeitamente o que queremos e quanto isto custa. Virão dias maus, ou péssimos; sem tardar, nós, como Jesus Cristo, dizemos: Vencemos o mundo! Depois de uma discussão com os milicianos, que prometem deixá-lo livre, se grita: Viva a FAI! o Irmão Severino exclama: Viva Cristo Rei! Viva a Virgem do Pilar! Assassnam-no, aspergem-no com gasolina lhe põem fogo e o deixam na valeta. É enterrado por algum camponês, numa vinha ao lado do caminho.

6. O Irmão Justo Pastor se apresenta ao diretor da Casa de Caridade para lhe oferecer seus serviços de maestro de música e poder assim estar ao lado dos juvenistas. O diretor, porque gosta de música, aceita a proposta. O contato com os formandos se transforma em magnífica ocasião para entretê-los sadiamente, animá-los e catequizá-los. Uma animação de música em honra do diretor lhe agrada; mas deve prescindir de seus serviços, porque o Irmão não tem a caderneta de inscrição no sindicato. O Irmão consulta seu superior e segue as instruções recebidas. Chamado a Barcelona, junto ao Irmão Alípio José, se aloja com ele, numa pensão da Rua Avinhão.

O Irmão Justo Pastor, de Zaragoza, ingressa no juvenato de Vic, aos 11 anos. O seu percurso, após o período de formação, é seguinte: Barruelo, Villafranca de Navarra, Larrache e Vic. Dedicado ao apostolado, se dizia dele «que não podia viver sem seus juvenistas». Entende a música como serviço e mostra para com ela grande sensibilidade.

O Irmão Alípio José, Navarro, tem 20 anos. Com afã missionário, decide cruzar o Atlântico e se destina ao Uruguai. Os acontecimentos políticos o impedem de realizar seu sonho. Expulso de Vic, vai a Manresa e se aloja na casa de um desconhecido, descobrindo que se trata de um comunista. No entanto, mantém boa convivência com ele. Intenta ir para



a França, mas acaba voltando para a casa do comunista de Manresa que lhe aconselha de cruzar a fronteira com a França através de Seu de Urgell e Andorra; mas regressa a Vic. Logo se encontra com o Irmão Pastor em Barcelona.

Os dois são presos na capital catalã e, sem processo nem julgamento, executados no dia 8 de setembro, terça-feira, festa da Natividade da Virgem Maria.



---

# Capítulo 5

## Comunidade marista de Ribadesella (Asturias)

VÃO MATAR-ME, PORQUE SOU RELIGIOSO

4 de setembro de 1936

---



Irmão José de Arimatéia (Restituto Santiago Allende).

Nascimento: em Bustillo del Monte (Cantabria), em 10 de junho de 1902.

Mártir em Sama de Langreo (Asturias), em 4 de setembro de 1936. 34 anos e 2 meses.

---

1. O navio mercante *Mistral* carregado de víveres e munições, atraca no porto de Ribadesella. Esta localidade das Asturias conta pouco mais de 8.000 habitantes. As suas raízes históricas remetem à figura de Afonso X, o Sábio, que a fundou. A natureza que a circunda cria um diálogo fecundo entre a costa e o mar Cantábrico. Às vezes, nos mais belos cenários se representam os dramas mais cruéis. É a primeira quinzena de agosto de 1936. Uma fila de presos, algemados dois a dois, custodiados por milicianos, se dirigia à Igreja, onde estão confinados, ao porto a fim de descarregar o barco. Durante o trajeto sofrem insultos e maus tratos. O trabalho é árduo. Alguns fardos são grandes e pesados. A fome e a debilidade causam estragos. Os milicianos se enfurecem, sobremaneira contra o pároco. Outro sacerdote se vê obrigado a limpar as latrinas sem nenhum meio a não ser as mãos. O Irmão José Arimatéia, diretor do colégio marista, trabalha na descarga como qualquer outro. Sua idade lhe permite realizar bom trabalho. Seu físico desafia o cansaço.



*Casa e escola dos Irmãos em Ribadesella. Na atualidade está desabitada.*

Tem de suportar, sobretudo os maus tratos psicológicos e morais.

2. Seis anos antes, o Irmão José Arimatéia chegou à cidade, no mês de julho de 1930, após ter participado do segundo noviciado em Grugliasco, Itália. Tem 28 anos, completados recentemente, e leva o encargo confiado por seus superiores de fundar e dirigir um colégio, que fora pedido por uma comissão de vizinhos. Proporcionam-lhe um chalé amplo, onde funcionam três aulas do primário e três aulas do secundário. Cinco Irmãos e dois leigos formam o corpo docente. Cativa por sua competência profissional de educador e catequista. Colabora estreitamente com a paróquia. Entusiasma-o a música e cria um coral polifônico que dá realce às festas e celebrações. Mas isso não é fácil! Em épocas confusas, os delatores fazem seu agosto.

Em meados de março de 1936, três Irmãos voltam da paróquia onde haviam estado preparando a festa de São José. Som apedrejados. A escuridão não lhes permite descobrir os atacantes, mas lhes torna mais fácil evitar os golpes. A tensão social e política irrompe em comportamentos agressivos. Em casa, para não preocupar os outros Irmãos, nada contam. Quando apenas conseguem dormir, golpes fortes na porta fazem-nos saltar da cama. Guardas municipais e civis solicitam a presença do diretor para prendê-lo, pois há denúncias contra ele. Ademais disso, devem revistar a residência. A acusação não é de pouca monta: complô para assassinar o prefeito e fabricação clandestina de gases tóxicos e explosivos. O interrogatório foi feito na prefeitura e se torna duro e pertinente, quase ridículo. A suspeita fabricação de gases e explosivos nada mais é do que a experiência que os alunos do curso secundário devem fazer no laboratório de química; aliás, equipado modestamente. Os guardas desistem de prosseguir na interrogação. Mais tarde, o diretor regressa ao colégio, sem problemas. Trata-se apenas de um aperitivo do que vai acontecer meses depois, a partir do dia 18 de julho.

3. O ambiente social de Ribadesella parece tranquilo; mas o desfile de carros e caminhões não augura nada de bom. A espoleta dispara, quando o pároco é detido, na tarde de 25 de julho, festa de Santiago. O povo se amontoa e insulta. No dia seguinte, domingo de tarde, o diretor é preso, com outras pessoas de peso do povo. O andar térreo do Centro Socialista serve de prisão. Como o local se torna logo pequeno, os presos são levados à igreja paroquial ainda inacabada. Esta é convertida em centro de reclusão. Daqui, ocasionalmente saíram o pároco e o diretor para descarregar o barco mercante. Importante oficial da arma de artilharia desaparece do cárcere; perseguido e cercado, é queimado vivo num bosque do povoado vizinho. Este

fato comove a população. Daqui, vão descarregar o navio mercante.

A comunidade dos Irmãos permanece no colégio. O Irmão Lourenço se junta ao grupo. Sofrem revistas, numa das quais os milicianos queimam no pátio todos os objetos



*Igreja paroquial de Ribadesella. Desde o ano 2000 se encontram lá os restos mortais do Ir. José de Arimatéia em uma caixa, à esquerda do altar principal.*

religiosos que encontram e todo o livro minimamente suspeito, antecipando-se à novela Ray Bradbury Farenheit 451, publicada em 1953. No entanto, o lugar que revistam minuciosamente é o quarto do diretor. Levam algumas moedas de prata, dizendo: Não vai precisar delas, pois nem Cristo o irá salvar! A cozinheira da comunidade vai frequentemente ao cárcere visitar o Irmão José de Arimatéia, para lhe levar roupa e comida. Para animá-lo, lhe diz: O senhor verá como logo vai sair daqui! Sua resposta: Não será assim. Vão matar-me, porque sou religioso. Mas eu aceito, porque foi Deus quem me escolheu.

4. A sorte foi lançada. O ruído do motor de uma caminhoneta espera impaciente que subam o diretor do colégio marista, dois sacerdotes e alguns leigos. Estavam manietados nas costas, com arames. Partem com rumo desconhecido. Os milicianos não querem deixar rastros de seus assassinatos. No verão de 1938, a imprensa anuncia o encontro de numerosos cadáveres num poço de uma mina dos montes de Sama de Langreo. Procede-se ao reconhecimento dos restos. Maria Cuevas Victorero, a abnegada cozinheira dos Irmãos, reconhece a roupa do Irmão José de Arimatéia e observa as siglas marcadas na camisa. O funeral é solene os restos se conservam num mausoléu custeado pelos antigos alunos. Neste momento os Irmãos Maristas já não estão mais em Ribadesella, nem reabrem a escola. O informe forense arrepiava os cabelos. Todas as vítimas foram lançadas vivas e com as mãos atadas nas costas, no macabro poço da mina de mais de duzentos metros de profundidade. Uma vizinha conta que, de noite, se ouviam uns gritos espantosos que não deixavam dormir.





---

# Capítulo 6

## Comunidade marista de Badajoz

### A FÉ É NOSSO PRIMEIRO TESOURO

7 de agosto de 1936

---



Irmão Aureliano (Pedro Ortigoza Oraá).

Nascimento: em Torralba del Río (Navarra), em 5 de fevereiro de 1894.

Mártir em Badajoz, em 7 de agosto de 1936. 42 anos e 6 meses.

---

1. O Irmão Aureliano vai todos os dias ao seminário de Badajoz, que se encontra fora da cidade. Dirige a Escola Preparatória de Ingresso, criada pelo Bispo. Almoça com os superiores do seminário. De tarde, as silhuetas das muralhas se desenham em sua retina, enquanto regressa à comunidade que dirige o Colégio Nossa Senhora do Carmo, na Rua Donoso Cortés. Trata-se de obra educativa de fundação recente: 1930. A comunidade é formada por 12 Irmãos. O Irmão Estanislau José é o Diretor. Badajoz supera 50.000 habitantes e figura como sendo a cidade mais populosa da Estremadura. Badajoz e sua província se sentem republicanas. A situação precária dos camponeses, mal pagos e, com frequência, explorados, favorece as ideias de revolução e mudança. A violência não demora. Aparecem os primeiros sintomas.

Ao voltar de uma excursão em Sevilla, a comunidade sofre uma revista muito rigorosa. A casa com todas as suas dependências, até mesmo os dois carros que usaram para se



*Comunidade de Badajoz em 1935*

deslocar para a capital andaluza, são inspecionados minuciosamente. A tarefa dos inspetores dura desde o anoitecer do dia 13 de julho até às quatro e meia do dia seguinte. Mas foi no dia 2 de agosto que começaram os problemas mais sérios. Ao sair da missa dominical, três Irmãos são presos e encarcerados. O resto se dispersa em casas particulares e albergues. O Irmão Aureliano acha mais seguro ir para o seminário.

2. Um grupo de amigos organiza uma fuga para Portugal. Nela participa, em princípio, o Irmão Aureliano. Entretanto, ao ver que o grupo leva armas, decide regressar a Badajoz e se refugiar na casa de Antônio Pesini, amigo dos Irmãos. Mas a cozinheira da família revela o esconderijo aos milicianos; estes querem prender o Irmão. Num primeiro momento, consegue evitá-los. Enquanto se desloca de um lugar para outro, medita os escritos que redatou durante o segundo noviciado, realizado oito meses antes, em Grugliasco (Itália). Neles escrevera: A fé é o nosso primeiro tesouro. Por exemplo: os mártires, quando se lhes propunha perder a

fé ou a vida, preferiram perder a vida. Esta convicção se encarna agora no momento que vive.

3. Há versões distintas e complementares sobre como caiu nas mãos dos milicianos e vive as cenas do martírio. A primeira, de um amigo, pelo meio-dia de 7 de agosto, sexta-feira, enquanto procura novo refúgio, é preso por alguns milicianos. A segunda, de um antigo aluno, testemunha presencial. Desce por um caminho à estação, perto da entrada da Ponte de Palmas. Ali existe um posto de controle. Acusado de ser sacerdote, o golpeiam com as armas e lhe dão pontapés e derrubam-no por terra, deixam-lhe uma órbita dos olhos vazia e o rosto todo ensanguentado. Provocam-no para que blasfeme, sem consegui-lo. As mulheres gritam: «Deixem-no nu!» Levam-no a um dos arcos da ponte, debaixo da qual corre o Rio Guadiana, põem-no em pé, para fuzilá-lo e ele se ajoelha com o crucifixo na mão até que o matam. Uma senhora, testemunha presencial diz: O Irmão seguia seu caminho de cabeça baixa, em



*Colégio de Nossa Senhora do Carmo de Badajoz em 1936*

atitude humilde, sem dizer palavra. Um miliciano dispara nele, pelas costas. O chefe, estranhando a rapidez dos fatos, pergunta ao que disparou:

—Já o mandaram tomar café?

—Sim, já foi!

—Bem, mas agora vá lá e dê-lhe um tiro, por mim!

Um disparo seco ecoa sob as arcadas da ponte sobre o Rio Guadiana.

Três pessoas se aproximam pelas nove e meia da noite ao lugar dos fatos, para recolher o corpo. Não o podem fazer por que há dois controladores. Voltam na manhã seguinte, mas o corpo já tinha sido retirado. Há um caminhão encarregado de recolher os corpos dos fuzilados para depositá-los em fossa comum.

4. Uma semana depois da execução do Irmão Aureliano, produz-se a chamada batalha de Badajoz contra o governo da Segunda República, seguida de um massacre. Deste modo se unem o norte e o sul, deixando Portugal fora da contenda. O colégio marista não sofre neste tempo. Caem duas bombas no pátio. Uma delas estoura, sem consequências. Em outubro começa o novo curso escolar, com um aumento de alunos.

---

# Capítulo 7

## Comunidade marista de Málaga

### O CAPITÃO DO BARCO HÁ DE SER O ÚLTIMO A SE SALVAR

27 de agosto, 24 de setembro e 18 de outubro de 1936

---



Irmão Guzmán (Perfecto Becerril Merino).

Nascimento em Grijalba (Burgos), em 19 de abril de 1885.

Mártir em Málaga, em 24 de setembro de 1936. 51 anos e 5 meses.



Irmão Fernando Maria (Celedónio Martínez Infante).

Nascimento, em Acedillo (Burgos) 30 de agosto de 1885.

Mártir em Málaga, em 24 de setembro de 1936. 41 anos.



Irmão Teógenes (Pedro Valls Piernau).

Nascimento: Em Vilamacolum (Girona) 22 de novembro de 1885

Mártir em Málaga, em 27 de agosto de 1936. 50 anos e 9 meses.



Irmão Luciano (Mauro Álvarez Renedo).

Nascimento em Albacastro (Burgos), em 15 de janeiro de 1892.

Mártir em Málaga, em 27 de agosto de 1936. 44 anos e 7 meses.



Irmão Pedro Jerônimo (José Félix Serret Ánglés).

Nascimento em Ráfales (Teruel), em 20 de novembro de 1904

Mártir em Málaga, em 27 de agosto de 1936. 31 anos e nove meses.



Irmão Roque (Abilio Villarreal Abaza).

Nascimento em Arazuri 9 navarera), em 22 de fevereiro de 1885. 51 anos e 7 meses.

Mártir em Málaga, em 18 de outubro de 1936. 51 anos e 7 meses.

---

1. Recebe-se uma chamada telefônica para o Irmão Guzmán, diretor do colégio marista. Na outra ponta do aparelho se encontra o comandante da Guarda Civil, que o alerta sobre o propósito que têm os comunistas de queimar igrejas, conventos e colégios religiosos. É a noite de 17 de julho de 1936.
2. O Irmão Guzmán que leva 12 anos em Málaga, pondera os acontecimentos e logo lhe surge na memória o mês de maio de 1931. Naquela ocasião, se joga o tipo em defesa de Dom Manuel González, bispo da diocese. O Colégio Marista, radicado no antigo seminário, que cheira ainda novo, pois há apenas sete anos que foi fundado, é saqueado e queimado. É preciso recomeçar. Escolhe-se um terreno da Avenida del Palo, bem situada. Os Irmãos dialogam e tomam duas resoluções: manter o nome *Colégio Nossa Senhora da Vitória*, nome a respeito do qual não querem transigir e deixar o uso da batina. A dedicação dos Irmãos e o modo inteligente do diretor, Irmão Guzmán, que se esquia com grande inteligência e mão hábil das constantes

investidas do anticlericalismo, conseguem que o colégio continue ganhando notoriedade e bons resultados acadêmicos, o que pode provocar algum problema. Málaga, banhada pelo Mediterrâneo, tem então uns 200.000 habitantes. Trata-se de uma da cidade mais populosas da Espanha. A situação social alimenta uma insatisfação latente que nas condições históricas da insurreição, vai explodir.

Depois da violência de maio de 1931, no dia 27 de junho do mesmo ano, se inicia o debate do novo projeto constitucional. Reaparecem os temas crônicos da política espanhola; a questão autonômica e territorial; a questão religiosa e a polarização entre direita e esquerda, no que se referia principalmente ao direito de propriedade. Os artigos 26 e 27 da Constituição entram de cheio no terreno



*Ir. Guzmán (Perfecto Bacerril Merino), diretor da escola de Málaga e «amigo dos trabalhadores de Málaga».*

religioso. Dissolve-se a Companhia de Jesus pelo voto de obediência à autoridade diferente da legítima do Estado; os bens das ordens religiosas são nacionalizados; proíbe-se às congregações religiosas o ensino, bem como criar ou sustentar colégios particulares. Algumas destas pretensões ficam sem efeito.

O resultado das eleições de 1933 atenua a aplicação dessas normas. No entanto continua viva a crispação de fundo, que abarca vasto leque de temas. Os Irmãos não renunciam à sua missão; mas se cuidam no uso exterior de símbolos: o hábito, por exemplo; e em alguns casos, mudam o nome dos seus centros educativos, para evitar suspeitas. As fotografias dos Irmãos com terno e gravata refletem o momento histórico.

3. Depois da missa dominical, na igreja dos Padres Paulinos de Limonar, no dia 19 de julho, os Irmãos vão à montanha, para abordar a situação tão delicada que estão vivendo e decidir sobre as medidas que devem ser tomadas. O Irmão diretor se atrasa. Tem de passar pelo Colégio para pegar dinheiro. Alguns membros da comunidade estão impacientes. Logo que chega, começam a reunião. Participam dela os nove Irmãos que formam a comunidade. O espetáculo da cidade é dantesco: ardem perto de 400 edifícios que se convertem em colunas de fumaça e fogo. O Colégio Marista, no dia seguinte, se soma à lista de saqueios e destroços. Depois de pesar os prós e contra das diversas alternativas, os Irmãos decidem disseminar-se para minorar o perigo. O Irmão Guzmán distribui todo o dinheiro que tem consigo.
4. Seis dos Irmãos vão morrer como mártires. O Irmão Guzmán, burgalês, é o diretor. O diário SUR, no primeiro aniversário de sua morte, o recorda ao pé de uma fotografia:  
  
Irmão Guzmán, amigo dos operários malaguenhos que, por sua bondade, soube atrair a amizade de todos os que



trataram com ele; pela sua cordialidade e pelo seu bom coração, sempre está atento aos necessitados. Somos pobres, mas temos de tudo, enquanto esta gente não tem nada para levar à boca hoje; e padecem mil sofrimentos para procurar algo para seus filhos. Assume as suas responsabilidades com risco de sua vida.

Tive minha salvação entre as mãos, mas não quis deixar os meus. Como diretor, cri ter a obrigação de seguir a sorte dos demais e não sair de Málaga sem eles. O capitão do barco há de ser o último a se salvar. Enquanto houver um só em perigo, eu ficarei de timoneiro!



Málaga. Colégio de Nossa Senhora da Vitória. Vitral em memória dos seis irmãos mártires.

O Irmão Fernando Maria, burgalês, é dez anos mais novo que o Irmão Guzmán. Esteve em muitos lugares. Há apenas um ano que está em Málaga. Professor, licenciado em química. Destaca-se como educador competente, homem de Deus e testemunho fiel. No cárcere é conhecido pelo apelido de «o Mestre». Comentam: Como era bom! Assas-siná-lo foi um erro.

O Irmão Teógenes de Gerona é o administrador da comunidade. Trabalha bem unido ao Irmão Guzmán. Há sete anos que está em Málaga. Ensina álgebra, trigonometria e matemática em geral, assim como catequese. Sofre do coração. Isso o torna mais sensível ao sofrimento e mais próximo no serviço aos enfermos.

Numa ocasião difícil afirmou: «Tratando-se de socorrer aos Irmãos, não se deve pensar nos perigos que se correm, mas em fazê-lo imediatamente».

O Irmão Luciano, burgalês, apresenta um itinerário com muitos destinos, 18 em 26 anos. Não é fácil tirar consequências de sua folha de serviços; mas destaca-se sua disponibilidade pronta, e a avaliação favorável de seus alunos. Mostra-se jovial e alegre. Nunca critica Irmãos ou alunos.

O Irmão Pedro Jerônimo, turoloense, é o mais jovem dos mártires maristas malaguenhos. Leva apenas um ano no *Colégio Nossa Senhora da Vitória*. A nova situação política o impede de ir ao curso de renovação espiritual, programado em les Avellanes, no qual está inscrito. Mostra-se dócil ao Espírito e tenaz no que persegue, sem meias medidas. Diante da insistência de um miliciano de considerá-lo padre, afirma que é um Irmão marista e que não lhe importa morrer.

O Irmão Roque, de Navarra, tem quatro anos de Málaga. Valoriza-se como educador e religioso. Sofre alguns achaques que afetam sua tarefa docente. Organiza no colégio a

obra da Santa Infância. Desperta em seus alunos vocações sacerdotais e religiosas. Uma pessoa do serviço doméstico da casa em que estava refugiado, afirma: Prudente, muito sacrificado, não exigia nem melhor trato, nem comida mais bem preparada.

Os três Irmãos restantes puderam recolher-se no consulado mexicano, onde ficaram até sua liberação.

5. Por caminhos diferentes, cinco dos seis Irmãos morrem entre agosto e setembro. O Irmão Guzmán sofre várias detenções, porque sai com frequência de seus esconderijos, para atender aos Irmãos. Por causa da delação de um porteiro e de uma camareira do colégio, os milicianos o detêm no dia 25 de agosto. Acusam-no diante do comitê de várias coisas falsas. Não abre a boca. Uma incursão da aviação nacional provoca que a multidão, levantando bandeiras vermelhas, se dirige ao cárcere para liquidar com todos os prisioneiros. O Irmão Guzmán está na enfermaria, com febre muito alta. Chamam-no pelo alto-falante às duas da tarde. Da prisão se escutam os disparos. Junto com alguns sacerdotes é le-



*Comunidade de Málaga em 1936*

vado, em carro, para o cemitério, lugar da execução. É inumado numa fossa comum.

Os Irmãos Pedro Jerônimo, Teógenes e Luciano são localizados e feitos prisioneiros, na pensão da senhora Rosário, no dia 27 de agosto, às nove da manhã. Eis o diálogo com o Irmão Pedro Jerônimo:

—Quem é que vocês procuram?

—Procuramos uns padres que nos disseram que estão aqui.

—Aqui não há nenhum padre!

—Pois nos disseram que sim, e você é um deles, embora queira desmenti-lo; vocês são padres.

—Nós não somos padres. Somos maristas, e se nos procuram por isso, não nos importa morrer, pois temos a consciência tranquila.

—Que nos interessa isso?

Uma vez diante do comitê, obrigam-nos a firmar a sentença de morte. São levados perto do cemitério de São Rafael e ali executados. Os corpos são colocados numa fossa comum.

O Irmão Roque se refugia na Fonda Imperial. Uma patrulha o detém no dia 24 de agosto e o encarcera. As gestões do cônsul do México lhe conseguem a liberdade. Aloja-se na casa de um cunhado do cônsul, na Rua Alameda, nº 31. A família proprietária se encontra em Tânger. Dedicava muito tempo à oração e mantém viva a lembrança de seus Irmãos de comunidade. No dia 18 de outubro, domingo, os aviões bombardeiam a capital e se ouve o estrépito dos fuzis ao redor de toda a chácara. Uma patrulha inspeciona todas as casas da Alameda. Um miliciano reconhece o Irmão Roque, pois tinha sido o seu professor e mostra ânimo vingativo. Quando seus companheiros souberam

que se tratava de um Irmão Marista decretam logo sua morte. Foi fuzilado ao pé de uma árvore nas imediações da alameda. Ferido mortalmente, antes de morrer sussurra o perdão cristão a seus executores. A obra marista em Málaga retoma sua tarefa em outro cenário alugado, na Rua Marquês de Valdecañas. Feitas as adaptações indispensáveis, se recomeça o trabalho educativo, em outubro de 1937.



---

# Capítulo 8

## Comunidades maristas de Madrid

SEJA O QUE DEUS QUISER!

Desde o dia 20 de julho de 1936 até o dia 21 de agosto de 1937

---



Irmão Benigno José (José Valencia Janices).

Nascimento: em Artajona (Navarra), em 16 de novembro de 1906.

Mártir em Paracuellos del Jarama (Madrid), em 11 de agosto de 1936. 29 anos e 8 meses.



Irmão Adriano (Manuel Llop Plana)

Nascimento em Mata de Morella (Castellón), em 1º de janeiro de 1896

Mártir em Paracuellos del Jarama (Madrid), em 11 de agosto de 1936. 40 anos e 7 meses.



Irmão Euquério (Euquério Llanillo García).

Nascimento: Solanas de Valdelucio (Burgos), em 20 de fevereiro de 1914.

Mártir em Madrid, em 4 de janeiro de 1937. 22 anos e 10 meses.



Irmão Gaspar (Pablo Martínez Esteban).

Nascimento em Los Balbases (Burgos), em 24 de março de 1898.

Mártir em Madrid, em 24 de julho de 1936. 38 anos e 4 meses.



Irmão Camerino (Braulio Álvarez Palacín).

Nascimento em Villamedianilla (Burgos), em 27 de março de 1900.

Mártir em Madrid, em 24 de julho de 1936. 36 anos e 3 meses.



Irmão Luís Afonso (Luís Moreno Aliende).

Nascimento em Quintanilla San García (Burgos), em 24 de junho de 1911.

Mártir em Madrid, em 26 de agosto de 1936. 25 anos e 2 meses.



Irmão Leão Argimiro (Argimiro García Sandoval).

Nascimento em Calzadilla de los Hermanillos (León), em 31 de julho de 1913.

Mártir em Madrid, em 20 de julho de 1936. 22 anos e 11 meses.



Irmão Luís Daniel (Juan Viñuela Flecha).

Nascimento em Navatereja (León), em 2 de junho de 1910.

Mártir em Madrid em 16 de outubro de 1936. 26 anos e 4 meses.



Irmão Angel Hipólito (Aniceto Pablos Carvajal).

Nascimento em Burgo Ranero (León), em 13 de maio de 1903.

Mártir em Aravaca (Madrid), em 3 de novembro de 1936. 33 anos e 5 meses.





Irmão João Marcelino (Marcelino Rebolar Campo).

Nascimento Mem Tresviso (Cantábria), em 29 de novembro de 1914.

Mártir em Paracuellos Del Jarama (Madrid), em 3 de dezembro de 1936. 22 anos.



Irmão Domingos Ciríaco (Dionisio Domínguez Martínez).

Nascimento em Villoria de Órbigo (León), em 24 de janeiro de 1911.

Mártir em Madrid, em 20 de abril de 1937. 26 anos e 3 meses.



Irmão Jorge Camilo (Vidal García García).

Nascimento em Cuadros (León), em 7 de fevereiro de 1916.

Mártir em Madrid, em 21 de agosto de 1937. 21 anos e 6 meses.

- 
1. O céu de Madrid, com suas combinações cromáticas, serve de inspiração aos bons pintores. Ao mesmo tempo serve como abóboda a um pouco mais de um milhão de habitantes que vive em sua área metropolitana. A sufocante temperatura de verão, emparelha em 1936, com a temperatura política. Os espíritos estão afogueados. O fato de ser a capital da Espanha, a transforma em ponto de mira das outras cidades importantes do país. Como concentra os organismos de decisão política, econômica e militar, o poder aqui, coabita com a conspiração. Os rumores estão por toda parte. Os movimentos de seus protagonistas são seguidos com

atenção. O núcleo rebelde está muito longe e seus colaboradores na capital mostram debilidade e desorganização. A queda do Quartel da Montanha abre caminho às patrulhas que realizam revistas familiares, detenções e assassinatos, sem que o Ministério da Governança possa impedi-lo. As queimas de igrejas e casas religiosas, as apropriações, a pilhagem, a formação de masmorras para albergar os presos, os passeios como modo de execução... estão na ordem do dia. A atividade política se torna frenética. Agosto é considerado em Madrid como mês atroz. O governo quer manter a capital Madrid a qualquer preço e os partidários do movimento desejam tomá-la para produzir o fato dominó na conquista territorial. A resistência se resume num lema: «Não passarão!» Enquanto os grandes conceitos políticos revolteiam sobre os cidadãos, o dia a dia se torna arriscado, difícil, inseguro.

2. Duas províncias maristas têm obras na capital. Em 1886, quatro Irmãos chegam a Girona para aprender espanhol; destinavam-se à América Latina. Ficam na Espanha e abrem o primeiro colégio marista, na Península. Mais tarde se cria a província canônica da Espanha. Em 1903 por causa da expulsão dos religiosos da França, chegam à Espanha mais dois grupos procedentes de Aubenas e de Lacabane.

A nova província estará separada da Espanha pela estrada de ferro, que vai de Madrid a Oviedo. No momento da criação conta com 184 Irmãos, 3.200 alunos, 19 casas, e os centros de formação. Esta província experimenta forte expansão na França e na Argentina.

A Província de Lacabane inicia sua presença em Oñate, com quatro Irmãos.

Logo estabelecem um noviciado em Anzuola (Guipúzcoa), nome de povoação que designa a terceira Província marista na Espanha.



*Colégio Chamberí em Paseo del Cisne, 3 (agora rua Eduardo Dato).*

As Províncias da Espanha e León, estão presentes em Madrid, com duas comunidades cada uma. A primeira possui o *Colégio Externato Chamberí* e o *Colégio Los Madroso*. A Província de León dirige o *Colégio São José* e a *Residência de Estudantes Cardeal Cisneros*. Irmãos das três comunidades testemunharam sua fé até o martírio.

3. A comunidade do colégio de *Chamberí*, no Passeio Cisne 3, atualmente Rua Eduardo Dato, é formada por 15 Irmãos, dos quais oito vivem num apartamento na Rua Modesto Lafuente. Desde 1902, ano em que foi fundado, o colégio mudou muitas vezes de sede: Rua Echegaray, Rua Amor de Dios, Rua Los Madrazos, Paseo de La Castellana, 4 desde 1923, no passeio Cisne. Muda também de nome: *Colégio Santa Maria* e *Colégio Sagrado Coração*. Estas mudanças se deram por causa das melhoras e do crescimento do centro. Com a instauração da República, cria-se a *Sociedade Anônima Cultural Cervantes* e o colégio é rebatizado com o nome do bairro que o acolhe, *Chamberí*. Os Irmãos dirigem uma escola primária e uma secundária com um to-

tal de 693 alunos. Quando estoura a guerra as autoridades transformam a escola em hospital.

A vida dos Irmãos se passa no fio da navalha. Sua expulsão dos colégios se traduz em dispersão que obriga a buscar abrigo em famílias amigas ou em hoteizinhos onde passam despercebidos. Vive-se com uma espada de Dâmocles sobre a cabeça, em clima de contínua ameaça. Em consequência, há Irmãos que abandonam a vida religiosa uns voltam para suas famílias e outros se filiam a sindicatos ou a partidos de esquerda. A imensa maioria, pelo contrário, joga a vida com apenas uma carta, sem meios termos. Três Irmãos desta comunidade são martirizados.

O Irmão Benigno José, de Navarra, procede de família numerosa. Depois de realizar sua formação em Vic e les Avellanes, é nomeado para Burgos, Barruelo de Santulán Málaga e Madrid. Em Larache, cumpre o serviço militar substitutivo, depois do qual vai para Lucena e finalmente para Madrid. Excelente educador, possui grande sentido de humor e alegria contagiante. Seu entusiasmo e otimismo não lhe impedem de enxergar a realidade dos acontecimentos. Escreve à família: «A coisa irá de mal a pior, se Deus não lhe puser remédio. Deus queira que possamos começar o próximo ano; muitos o veem muito negro.

O Irmão Adriano de Castilla nasce na Mata de Morella, pequeno município que aglutina o mercado da comarca. Coincide com seu companheiro de comunidade, no itinerário formativo: Vic e les Avellanes. Seu primeiro destino foi Alcoy. Na sua ficha há um lapso de 12 anos sem indicações precisas. Compagina o trabalho de cozinheiro com a dedicação ao ensino. Pouco a pouco se especializa no ensino aos pequenos e forma novos mestres. No trato com os outros é humilde e simples. Para aliviar os demais, toma sempre para si o pior.

Dia 11 de agosto, terça feira. Os dois Irmãos encontram refúgio numa residência da Rua Modesto Lafuente e prepararam o almoço. Os milicianos irrompem na casa, prendem-nos e os amordaçam com uma toalha e enchem-nos de impropérios e insultos. Levam-nos à masmorra de Bellas Artes e, ao que parece, acabam com suas vidas em Paracuellos del Jarama, cenário de uma das páginas mais escabrosas da Guerra Civil.

O Irmão Esquerio, burgalês, tem apenas 23 anos. É de uma família de onze filhos, dos quais seis são Irmãos Maristas. O pai Hermenegildo é professor. Nota-se na marca que deixa em seus filhos. Faz sua formação marista em Arceniega e les Avellanes. Acabados os estudos profissionais, parte para seu único destino, a comunidade da Rua Cisne, onde passa seus últimos anos de vida. Apesar de jovem tem postura de líder.

No dia 30 de agosto, com dois outros Irmãos, um deles irmão, é levado à Direção Geral de Segurança. No dia seguinte, acaba no edifício das Escolas Pias de Porlier, transformado em cárcere. As penúrias se tornam mais agudas, à medida que transcorrem as semanas. No Natal cai gravemente enfermo. Com seu Irmão José, é levado a um porão úmido, para evitar contágio da infecção de que padece. José descreve seus últimos momentos. Sem alimentos, sem roupa, sem remédios, o meu Irmão delirava e delirava, até que depois de nove dias, perdido o conhecimento, morreu sem assistência médica alguma. Uma história comovente de amor fraterno. Dois dias depois, 6 de janeiro de 1937, quarta-feira, enterram o corpo no Cemitério Municipal de Almudena, como foi possível averiguar mais tarde.

4. A presença marista na Rua Los Madrazo, no nº 19, perto de Cibeles e do atual Ministério da Educação, começa em 1917. O aumento espetacular do alunado obriga a abrir

novo centro no Paseo de la Castellana, 37. A comunidade é formada por 23 Irmãos, a cuja frente se encontra o Irmão Sérvulo. Situada no coração de Madrid, não pode ficar inadvertida. Na segunda-feira, 20 de julho, produz-se a primeira revista. Uma patrulha de milicianos reúne os Irmãos no saguão menos o Irmão Ángel Andrés que estava em Barcelona para fazer alguns trabalhos para a Editora. São 15h45. Seis milicianos com o Diretor realizam revista rigorosa das dependências colegiais e comunitárias. O Irmão administrador que acaba de voltar dos mercedários que foi avisar que abandonassem a residência, se encontra com este panorama. Consegue salvar algum dinheiro e documentos. Avisa a embaixada alemã da detenção do Irmão Gilherme, súbdito deste país.

Presos, os Irmãos são conduzidos à Direção Geral de Segurança. Tão numeroso grupo de homens atrai os olhares dos transeuntes e das pessoas que os observam das janelas. Agrupamento, preenchimento de fichas, falta de defesa. Dois dias depois, são declarados livres e inocentes. Decidem que o diretor viverá no colégio com o Irmão Pio, que dormirá na pensão com outros três Irmãos e que só ele saberá onde está cada um.

No dia 23 de julho, na pousada de San Blás, na Rua Atocha, na hora do jantar, estão no refeitório os Irmãos Gaspar e Camerino. O Irmão Gaspar, de Burgos, aos doze anos, entra no juvenato de Arceniega. Tem um mano que também é marista. Possui larga lista de serviços em: Pamplona, Logroño, Barcelona, Madrid, Burgos, Mataró, Murcia, Barcelona, Pamplona e Madrid; pela segunda vez, em Los Madrazos. Tem fama de educador excelente e animador de movimentos apostólicos. Destaca-se pela simplicidade de vida. O Irmão Camerino, também de Burgos, ingressa aos 24 anos no noviciado de les Avellanes. Trata-se de uma vocação tardia. Realiza o discernimento da chamada

de Deus ao voltar do serviço militar obrigatório. Depois de sua formação em les Avellanes, chega à comunidade de los Madrazos, seu primeiro e único destino. Trabalha lado a lado com o Irmão Gaspar nos movimentos apostólicos. Bom professor, ele distingue-se pelo caráter aberto e serviçal.

Enquanto comentam os últimos acontecimentos, apresentam-se os milicianos, que exigem a documentação. Levam os Irmãos Gaspar e Camerino. A partir deste momento, engrossam a lista dos desaparecidos. No dia 25 de julho, os Irmãos Sérgio e Pio, procuram saber do paradeiro deles. Com as informações conseguidas, concluem que os dois foram assassinados. Desconhece-se o modo e o lugar do martírio, como também o lugar onde descansam seus restos. Isto é mais duro de assimilar do que uma morte evidente.

O Irmão Luís Afonso, burgalês, nasceu em família numerosa. Tem um mano que é jesuíta. Realiza sua formação em Arceniega e les Avellanes. Passa os três primeiros anos de apostolado em Calatayud e os quatro últimos em Madrid, primeiro na comunidade de Cisne e depois em Los Madrazos. Nos tempos convulsionados da capital, ele permanece muitas horas na Biblioteca Nacional, dedicado ao estudo. É considerado como jovem que promete. No dia 26 de junho, enquanto janta com o Irmão Mateus, um desconhecido entrou correndo no refeitório e lhes disse em voz baixa: «Saíam logo, porque estão vindo para buscá-los». Seu companheiro consegue fugir e perder-se pelas ruas. O Irmão Luís Afonso, por se ter atrasado um pouco, é pego pelos milicianos que o levam para uma morte segura. Mais um desaparecido.

5. O distrito de Pontós funda, no final de 1918, o *Colégio Hispano-Francês de São José* na Rua Martín de los Heros. Dois

anos mais tarde, quando o distrito passa a ser a Província de León, o colégio passa para a Rua Fuencarral, 126. Em 1928, esta nova Província funda a Residência Cardeal Cisneros, para estudantes de carreiras universitárias, escolas especiais e estudos superiores. Em 1936, conta com uns 70 residentes. As carreiras mais frequentadas são: engenharia, medicina e farmácia, técnicas agrícolas. O colégio tem mais de 800 alunos. A comunidade que o orienta tem 21 Irmãos. A maioria são espanhóis, mas há também alguns franceses. No mês de julho, vários Irmãos estão em Tuy, dedicados aos exercícios espirituais. O assassinato de Calvo Sotelo produz autêntica comoção. Os fatos se precipitam. Ao iniciar-se a revolta alguns Irmãos passam a viver na residência que oferece mais garantias de segurança. Só se mantêm no colégio os Irmãos de nacionalidade estrangeira. O governo quer transmitir sensação de normalidade, mas não pode evitar o incêndio de igrejas e edifícios religiosos.

Os assaltantes do Colégio São José utilizam sua prática habitual: tiros ao ar e muito ruído para amedrontar os ocupantes da casa. Reúnem-nos na portaria, com as mãos ao alto, enquanto apontam com as pistolas. Estácio Aguilar, um empregado, é revistado e em sua carteira encontram um nada de dinheiro. Insultam-no como «inimigo do povo» e burguês asqueroso. Disparam-lhe um tiro e ele jaz no chão num charco de sangue. O Irmão León Argemiro é descoberto por uns milicianos que o conduzem à portaria. Ao ver o corpo ensanguentado e seus companheiros de comunidade de cara para a parede, com as mãos ao alto e pistolas apontadas, cai desmaiado. Os milicianos se enfurecem, arrastam-no para a rua, fazem-no subir ao carro amarelo e somem com ele. Provavelmente o fuzilam na casa de campo, como normalmente fazem. Este Irmão é lionês e estava para celebrar 23 anos. Sua formação marista começou em Venta de Baños (Palência) e seguiu em



Biancotte, na França. Ali aprende o idioma e termina em Tuy (Pontevedra). Seu primeiro e único destino foi o *Colégio San José*. Em 1935, compagina as aulas com o serviço militar. Sempre generoso e fiel.

Um grupo de milicianos chegam à pensão Oporto, onde reside o Irmão Luís Daniel com outro companheiro que, neste momento, está fora. Perguntam-lhe por ele. Ao não obterem a resposta que esperam, levam-no ao quarto vizinho e batem brutalmente nele. O corpo se cobre de hematomas e machucaduras. O rosto fica desfigurado. Revistam-lhe os bolsos. Ao descobrirem um terço, aumentam os insultos e intensificam os golpes. Não abre a boca. Inesperadamente se retiram, mas voltam alguns dias depois, na sexta-feira, 16 de outubro. Vão em busca de um deputado conservador. Veem o Irmão e dizem: «Este, ao caminhão!» Por acaso, sofrerá a mesma sorte que o deputado. Outro desaparecido!

O Irmão Luís Daniel, leonês, é de família numerosa. Criança travessa, muito viva, de bom coração. A sua vocação



*Colégio San José, em rua Fuencarral de Madrid*

o enfrenta com o pai, que o quer reter em casa. Ingressa em Venta de Baños. Durante um ano é destinado a Lugo e passa outros sete em Fuencarral. A sua mãe, prevendo os trágicos acontecimentos que se avizinham, diz-lhe: «Meu filho, é melhor que saia, para que não aconteça que o matem». Sua resposta: «Nunca!... Seja o que Deus quiser!»

O Irmão Ángel Hipólito passeia pelo pátio do cárcere das mulheres de Ventas, habilitada provisoriamente para homens. Recorda como, no dia 15 de agosto, foi detido na Pensão de Estudantes, levado à Direção Geral de Segurança, e finalmente, ao cárcere. Outro Irmão, também preso, lhe pergunta o que está fazendo. Responde: «Cumpro meus deveres com Deus e me preparo para o que possa acontecer».

O Irmão Ángel Hipólito, leonês, é de família numerosa. A mãe desejava que fosse marista, mas no momento de despedir-se, pede-lhe que, por favor, fique em casa. Um Irmão velho, também marista, de Tuy o anima a seguir a vocação. É valente para despedir-se da mãe. Nove comunidades escalam o seu apostolado. Há três anos que está em Fuencarril. Bom educador, fervoroso e constante. Os dias passam no cárcere, com temor da surpresa. No dia 3 de novembro, às três das madrugada, um total de 72 presos são retirados de Ventas, para serem levados para outro cárcere. Os preparativos fazem temer o pior. Os veículos se enfileiram pela estrada de La Coruña. Detêm-se no cemitério de Aravaca. Mandam-nos descer dos veículos, entrar no cemitério e desnudar-se completamente. Atam-lhes os braços, dois a dois. Um instante antes que os 18 milicianos disparem as suas rajadas de metralhadoras, os presos gritam: «Viva Cristo Rey!» Seus corpos caem em fossa comum. As primeiras luzes do amanhecer lutam com a escuridão da noite que se dissolve.

O Irmão Julián Marcelino partilha o mesmo processo inicial que o Irmão Ángel Hipólito. Preso no dia 15 de agosto, le-

vado à Direção Geral de Segurança, é internado no cárcere de Ventas. Tem 21 anos. Três meses e meio de privação de liberdade, maus tratos, perigos constantes, falta de respeito. Na união com Deus encontra meios para superar com paciência sofrimentos inexplicáveis.

Nasce em Tresviso (Cantábria). O pai teve 16 filhos: 7 de um primeiro casamento e nove de segundas núpcias. Interno no Colégio Marista de Oviedo, desperta nele a vocação marista. A sua formação se deu em Venta de Baños, Blancotte e Tuy. É detido em Sahagún para estágios. Depois vai para o colégio de Fuencarral. No dia 3 de dezembro se dá um traslado maciço de presos de Madrid para o cárcere de Alcalá de Henares. Seu comboio não chega ao destino. Em Paracuellos del Jarama, é assassinado e depositado numa fossa comum, aberta um pouco antes.

No mercado de a Magdalena, um jovem de 26 anos trabalha como dependente num posto de verduras. Trata-se do Irmão Domingos Ciríaco, que vive refugiado na casa de uns familiares. O seu posto lhe permite ajudar aos Irmãos, proceder aos trâmites da documentação e afiliá-los à UGT.



*Cemitério de Paracuellos del Jarama (Madrid)*

Convocado, solicita ingresso na Escola de Intendência Militar de Valência e se afilia ao sindicato de transportes da CNT. Ao apresentar a documentação junto com outro Irmão, é detido e seu companheiro é deixado livre. Segundo informações obtidas posteriormente, parece que foi denunciado por um antigo aluno que o entregou na masmorra de Fuencarral, situada no mesmo edifício que o colégio, e foi assassinado no dia 27 de abril de 1937, terça-feira. O Irmão Domingos, leonês, procede de família numerosa. Duas de suas irmãs são religiosas. Apesar de sua mãe preferir que fosse sacerdote, ingressa no juvenato de Venta de Baños. Seu único destino foi o Colégio São José de Madrid, onde passa oito anos. Excelente professor, destacava-se pela didática. Seu modo de ser e sua entrega são um bem para a comunidade.

O Irmão Jorge Camilo, leonês, é o mais jovem dos mártires maristas de Madrid. No mesmo dia do nascimento, recebe o batismo de emergência. Benjamim da família pensa em se fazer marista depois do convite de seu Irmão mais velho, que já o é. Destaca-se pela Inteligência. Em Venta de Baños, Blancotte (onde aprende o francês) em Tuy, recebe a formação inicial. Indica-se-lhe um único destino: o Colégio São José de Fuencarral. Goza das características de bom educador, que a morte prematura não permite desenvolver-se. Quando em 20 de julho, os milicianos irrompem no colégio, o Irmão Jorge Camilo está doente e acamado. Apesar de tudo, isso não impede que o levem para o Cárcere Modelo, com os outros. Sofre privações, maus tratos e penalidades. Em novembro, é trasladado para a primeira galeria do cárcere de Porlier, anteriormente colégio dos Padres das Escolas Pias. Trava ali amizade com José Maria Menoyo. Uma vez livre, a família deste senhor o acolhe como um dos seus. Tem de se alistar no exército e é destinado a um batalhão de serviço. De noite

voltas para a casa da família Menoyo. Um dia de agosto de 1937, não volta mais para o lar familiar. As primeiras indagações ficam sem resultado. Mais tarde se descobre a verdade: «Descoberto como frade, tinha sido assassinado no pátio do quartel, para escarmento de todos», no dia 21 de agosto, sábado.



---

## Capítulo 9

### Comunidade marista de Chinchón (Madrid)

NÃO PRECISAMOS IR ÀS MISSÕES

29 Julho 1936

---



Irmão Feliciano (Severino Luís Báscones).

Nascimento em Fuencaliente de Lucio (Burgos), em 2 de novembro de 1884.

Mártir em Madrid, em 29 de julho de 1936. 51 anos e 8 meses.



Irmão Felipe Neri (Fermín Zabaleta Armendáriz).

Nascimento em Artajona (Navarra), em 24 de setembro de 1899.

Mártir em Madrid, em 29 de julho de 1936. 36 anos e 10 meses.



Irmão Herminio Pascal (Sarturnino Jaunsarás Zabaleta).

Nascimento em Irurzún (Navarra), em 11 de fevereiro de 1912.

Mártir em Madrid, em 29 de julho de 1936. 24 anos e 5 meses.



D. Julián Aguilar Martín.

Empregado dos Maristas em Chinchón (Madrid).

Nascimento em Berge (Teruel), em 24 de novembro de 1912.

Mártir em Madrid, em 29 de julho de 1936. 23 anos e 8 meses.

---

1. Quatro homens, cada um com a mala, entram na Rua Conde de Xiquena, em Madrid, perto da região dos Recoletos. Detêm-se diante do número 3. No subsolo deste edifício, vive a senhora Paula Aparicio. Perguntam por ela, ao porteiro, que não lhes permite subir com as malas. Toca a sineta e uma empregada lhes abre a porta sem problemas, porque são pessoas conhecidas. A dona da casa recebe-os com muito carinho. Neles reconhece os Irmãos: Feliciano, Felipe de Neri, Hermínio Pascal, acompanhados por Julián Aguilar, empregado da comunidade e auxiliar nas salas dos pequenos. Todos trabalham nas *Escolas primárias* de Chinchón, obra de patronato fundada por Dona Paula e outras senhoras de Madrid para atender gratuitamente às crianças pobres. Enquanto preparam comida para elas, os Irmãos comunicam a Dona Paula as últimas novidades. Os acontecimentos em Chinchón se precipitam no dia 20 de julho, com a chegada à cidade dos milicianos dos povoados vizinhos que assaltam o colégio e expulsam os Irmãos.



*Escola dos Irmãos em Chinchón, que apesar de estar em desuso preserva a estrutura original. A rua é agora chamada Irmãos Maristas.*



As famílias do povoado os acolhem com apreço, pois conhecem a excelência de seu trabalho e sua dedicação às crianças pobres. Só arrivistas podem mostrar-se duros e intolerantes com eles. As novas autoridades lhes dão 24 horas para abandonar a vila. Partem no dia 29 de julho. Na estação ferroviária de Tajuna, tomam o trem. Uma cidade grande como Madrid, a 44 quilômetros de distância, lhes oferece mais oportunidade de passarem inadvertidos. Não será difícil alugar-se no Colégio de Los Madrazos ou no do Cisne. Ao chegarem lá, notam que os dois colégios tinham sido assaltados. Eles decidem dirigir-se à casa de Dona Paula Aparício, fundadora da obra em que trabalham. O Irmão Felipe Neri sabe ler a realidade. No dia 29 de março, a política está tomando um mau rumo e esperamos tempos piores, porque somos muito maus e Deus nos está purificando com os açoites da Revolução. Estou muito tranquilo e disposto a sofrer tudo o que Deus quiser (...) Creio que na Espanha, o comunismo está avançando a passos de gigante. Durará muito ou pouco... Será o que Deus quiser, mas vem»!

2. Chinchón tem, nesta época, uns 7.000 habitantes. A beleza de seus edifícios fará com que, quatro decênios mais tarde, ela seja considerada como conjunto histórico-artístico. A praça maior, com seus balcões e pórticos, cria um espaço sugestivo e agradável. As tendências políticas estão vivas entre seus habitantes, mas os Irmãos se concentram em seu trabalho educativo e pastoral, levando avante uma obra fundada no dia 1º de outubro de 1932, que exige deles todas as energias. A escola tem muitos alunos e interminável lista de espera.

O Irmão Feliciano, de Burgos, é o de mais idade no grupo e, ao mesmo tempo, diretor. Tem um Irmão sacerdote. Ingressa no juvenato de Burgos e depois, postulado e noviciado em Vic e escolasticado em Sant Andreu de Palomar. Ao longos de sua vida esteve em muitos lugares. No entanto, em Calatayud fica quatro anos e no Colégio de Madrazo,

13, como professor dos primeiros anos do curso secundário. Depois de um ano em Granada, nas três colocações seguintes, exerceu a responsabilidade de diretor: Barruelo de Santillán, Toledo e Chinchón. Homem de excelentes qualidades e capacidade de entusiasmar. Atraídos por seus exemplos, quatro de seus sobrinhos entram no Instituto.

O Irmão Felipe Neri, de Navarra, é o primogênito de família de onze filhos, dos quais dois são maristas e três religiosas de São José de Cluny. Presta o serviço militar em Melilla. Quando estava para completar 24 anos, ingressa em les Avellanes, onde já estava o seu Irmão João Norberto. Exerce seu apostolado em dois colégios e ambos gratuitos. Primeiro em Burgos, onde permanece por sete anos, como professor do Círculo Católico de Operários. Depois, em Chinchón. A confiança na Providência encaminha todas as suas preocupações. Por indicação dos superiores, com a finalidade de prosseguir seu trabalho, os Irmãos vestem-se como seculares, e adotam novos nomes para poderem figurar como professores leigos. Felipe Neri se chama Irmão Vitoriano García e pede a seus familiares que o chamem assim para ludibriar o controle e a censura. Tem consciência do trabalho apostólico: «Sem visar às missões, já temos o que civilizar e isso bem perto de Madrid. (...) Tenho na aula, 62 alunos muito bons ou, pelo menos, bons diante de mim,» (Carta de 29 de novembro de 1933).

O Irmão Hermínio Pascal, de Navarra também, é o jovem da comunidade. Entre em Villafranca de Navarra e em les Avellanes realiza o postulante, o noviciado e o escolasticado. Calatayud, Barruelo de Santullán, Burgos, Lucena e Chinchón são as cinco comunidades às quais pertenceu. Na última entrou no mês de janeiro de 1936. Os tempos revoltos no âmbito sociopolítico se confundem com seus titubeios pessoais na vida religiosa. Presume-se que possa abandonar o Instituto e voltar para casa. Em Chinchón, a sua chama interior se reanima. O apoio da comunidade e

os bons exemplos dos coirmãos lhe permitem reanimar-se na vocação. Mas há fogo debaixo das cinzas.

O sr. Juliano Aguilar Martín é originário de Berge (Teruel). Aos 12 anos ingressa no juvenato de Víc. Quando postulante em les Avellanes, teve um acidente que lhe afetou a vista. Por este motivo não foi admitido ao noviciado. Voltou para a família. Dedicou-se às tarefas agrícolas, mas continuou com o sonho de ser Irmão. Pediu que pudesse voltar como empregado e trabalhou em algumas comunidades. Chega a Chinchón e se torna um Irmão a mais. Assim o tratam os alunos e os pais de família, apesar de que ele desminta. No ano de 1933, o Irmão Felipe Neri escreve: «Somos três professores e o cozinheiro: quatro no total. Os quatro frades se vestem à paisana. O cozinheiro, quase todos os dias, me ajuda na aula. Temos 162 alunos. Na lista de espera estão 72, isto é, todas as crianças do povoado».

Juliano é tratado como se fosse mais um Irmão e vai correr o mesmo destino dos Irmãos. Um testemunho afirma: Podia desligar-se da comunidade em perigo, por ser simples empregado e não professo, mas preferiu morrer junto com os outros Irmãos.

3. Enquanto os quatro continuam conversando animadamente com Dona Paula e Maria Ontalva, a servente termina os preparativos para o almoço; o porteiro delata aos milicianos que revistam as malas e encontram alguns objetos e documentos religiosos. Nenhuma outra prova é necessária. O porteiro disse aos milicianos: «Os quatro passarinhos estão lá em cima»

A servente põe a sopeira no centro da mesa. Os comensais estão para sentar-se. Toca a campainha. Os milicianos prendem os quatro e os obrigam a segui-los. Foi lá pelas 4h30 da tarde. Levam-nos provavelmente à Casa de Campo; outros dizem que foi à Porta de Toledo, e os fuzilam de imediato. Três Irmãos Maristas e um leigo marista obtêm a palma do martírio pela coragem de sua fé.



---

# Capítulo 10

## Comunidade marista de Torrelaguna (Madrid)

SERVIR E AMAR

22 de julho de 1936

---



Irmão Victorico Maria (Eugenio Artola Sorolla).

Nascimento: em Cincorres (Castellón), em 12 de abril de 1894.

Mártir em Redueña (Madrid), em 22 de julho de 1936. 42 anos e três meses.



Irmão Jerônimo (Trifón Tobar Calzada).

Nascimento: em Susinos (Burgo), em 3 de julho de 1876.

Mártir em Redueña (Madrid), em 22 de julho de 1936. 60 anos.



Irmão Marino (Pedro Alonso Ortega).

Nascimento em Amaya (Burgos), em 14 de janeiro de 1901.

Mártir em Redueña (Madrid), em 22 de julho de 1936. 35 anos e 6 meses.

---

1. A escuridão da noite envolve a cidade de Torrelaguna. Termina o dia 20 de julho. O cárcere municipal está ocupado como nunca! Mais de vinte vizinhos são internados e, entre eles, três maristas. São os Irmãos: Victorico María, Jerônimo e Marino que vestem traje civil. Quando o silêncio reina

sobre as celas, torna-se difícil conciliar o sono, por causa do calor do verão, mas ainda mais pelas emoções que ferrem no coração dos três internos. Viveram coisas demais, em pouco tempo. Na vitrola das lembranças, repassam os fatos importantes do dia: o assalto ao colégio, sua prisão, os maus tratos recebidos, os empurrões, a agressividade desenhada nos rostos, a horda vociferante que goza com a sua presa. O dia 18 de julho é o desencadeante de todo este processo, que estava em gestação algum tempo antes. Torrelaguna, a 53 quilômetros de Madrid, se converte em caixa de ressonância política da capital. Mesmos objetivos, desmandos parecidos. A vila é formada por sete bairros que recebem o nome das granjas; agrupa pouco mais de 2.000 habitantes. Um de seus filhos ilustres, o Cardeal Cisneros, embelezou a cidade que conserva restos de sua muralha. Na escola, os Irmãos garantem os estudos primários para os filhos dos lavradores e operários.

O Irmão Moisés, visitador, tinha escrito algum tempo antes: «Os exames dos diversos cursos nos deixam convencidos



*Praça e igreja paroquial de Torrelaguna*

de que se seguem os programas e que os alunos assimilam bem. A ordem e disciplina do colégio não poderiam ser melhores. No concernente à vida religiosa da comunidade, é autenticamente vida marista. Os Irmãos vivem perfeitamente unidos. Onde há um trabalho por fazer, ali estão os três»... Dão também aulas noturnas para adultos. 120 operários as frequentam. Devido às altas taxas de analfabetismo, altíssimas nesta época, o serviço que os Irmãos prestam é necessidade de primeira ordem.

2. O Irmão Victorico Maria, castilhense, ingressa aos 15 anos no juvenato de Vic. Fica ali apenas um ano; depois vai para o postulante de les Avellanes. Excetuando Badalona e Palafrugell, suas duas primeiras comunidades, costuma permanecer alguns anos nas restantes: Sants, três anos; Sitges, seis anos; Orbó, três anos; Torrelaguna, onde é professor e diretor, oito anos. Como diretor se mostra disciplinado e organizado. Como apóstolo, sua motivação é o zelo pela glória de Deus. Como religioso, se destaca pela fidelidade. Um Irmão sintetiza o ideal do Irmão Victorico Maria: «Servir e amar».

O Irmão Jerônimo, de Burgos, é o terceiro de cinco Irmãos. Sua família se dedica à agricultura. Aos 15 anos, ingressa no postulante de Mataró. Aos 19, emite o voto de obediência. Nesta época a primeira profissão se reduz a este voto, antes de emitir os votos perpétuos de pobreza, castidade e obediência. Depois do escolasticado, em Canet de Mar, estuda magistério, na Escola Normal de Gerona. De 1895 a 1928, vive como missionário, na Colômbia (Santander, Cali, Popayán, Pasto, Palmira, Cabal, Ibaguê...). Volta para a Europa para fazer o segundo noviciado, em Grugliasco (Itália); passando por outros lugares, chega, em 1932, a Torrelaguna, onde é o veterano da comunidade, com milhares de quilômetros nas costas.

O Irmão Marino, também de Burgos, pertence a família numerosa: seus pais têm dez filhos. Seus dois cenários de formação foram: Arceniega e les Avellanes, onde vive a página dolorosa de uma terrível gripe, que produz uma mortalidade notável entre os formandos. Sua saúde se resente e não pode dedicar-se aos estudos com intensidade. Dedicar-se então à cozinha, tarefa que desempenha nas comunidades sucessivas às quais pertenceu. Em Torrelaguna, desde 1929, com o parêntesis de um ano que passa na enfermaria provincial de les Avellanes; vive plenamente integrado na comunidade; forma, com seus dois companheiros, uma autêntica e solidária irmandade.

3. Na terça-feira, 21 de julho, irrompe em Torrelaguna um coluna de milicianos asturianos de Langreo, que se dirigem a Somosierra. O seu primeiro objetivo é libertar todos os encarcerados. Não podem entrar porque não encontram a chave e o vigilante fugiu, para não favorecer seus inten-



*Parentes dos Irmãos frente o sarcófago na capela do Rosário na igreja paroquial de Santa Maria Madalena em Torrelaguna (Madrid). A transferência dos restos foi feito em 2000.*



tos. Os internos do colégio marista não conseguem dormir, porque passam toda a noite insultando-os e golpeando com a culatra dos fuzis, nas janelas. No amanhecer do dia seguinte, conseguem entrar e ordenam aos internos que desçam para o pátio. Tiram da fila os que não têm calos na mão; os três Irmãos, dois sacerdotes e quatro leigos, três homens e uma mulher. Uma miliciano com cicatrizes no peito se mostra especialmente agressiva e insultante. Com brutalidade os fazem subir numa caminhoneta que toma o caminho de São Lourenço do Escorial. Percorridos quatro quilômetros, fazem-nos descer do veículo e os fuzilam. Recebem o tiro de graça, no município de Redueña. Em Torrelaguna, ninguém suspeita de que houve uma execução. Só o chefe do comitê o sabe. Trata-se de um professor com poucos alunos em sua escola. É movido pelo anticlericalismo e pelo ressentimento originado pelo êxito que os Irmãos têm em seu colégio. Um leiteiro de Redueña, povoado que se juramentou para que nele não se cometa desmando algum, se dirige, como todos os dias, a Torrelaguna. Umas marcas de sangue o põem sobre uma pista que o conduz a uma depressão, onde jazem nove corpos, muito desfigurados e com o sangue já enegrecido. Avisa as autoridades do seu povoado. Preparam os ataúdes correspondentes. Junto a cada corpo colocam elementos e objetos que permitam a identificação e os enterram em cerimônia cheia de respeito e silêncio. Quando em Torrelaguna se sabe do acontecido, um pedreiro lhes prepara a devida sepultura.



---

# Capítulo 11

## Comunidade marista de Villalba de la Sierra (Cuenca)

### CONFIADOS À DIVINA PROVIDÊNCIA

28 de julho de 1938

---



Irmão Julião José (Nemesio Cabria Andrés).

Nascimento: em Susilla (Cantábria), em 5 de agosto de 1908.

Mártir em Villalba de La Sierra (Cuenca), em 28 de julho de 1938. 29 anos e 11 meses.



D. Ramón Emiliano Hortelano Gómez, Professor em Cuenca.

Nascimento: em Cuenca, em 8 de agosto de 1908.

Mártir em Villalba de la Sierra (Cuenca), em 28 de julho de 1938, 29 anos e 11 meses.

---

1. O governo da República convoca o alistamento militar, dos nascidos em 1908 para que se incorporem ao exército. Nos primeiros dias de março de 1938, dois jovens de 29 anos são destinados aos serviços auxiliares do quartel de Villalba de la Sierra (Cuenca) pequena povoação na vizinhança de Júcar, a uns 20 quilômetros da capital. O ambiente choca com a sensibilidade e formação que eles têm. O seu estilo de vida contrasta muito com aquele dos seus companheiros soldados. Pouco a pouco, entre ambos se estabelecem laços de amizade e confiança.

João José, Irmão Marista, lhe desvela páginas de sua vida. Nasce em Susilla (Cantábria). Tem dois Irmãos que são também

maristas. A sua infância se passa num ambiente rural e criação de gado. Ingressa no juvenato de Arceniega. Sua formação continua posteriormente em les Avellanes, onde foi logo depois professor. Foi também professor nas casas de formação de Vic e Arceniega. Depois de passar dois anos em Manzanares e Murcia, chega em 1934 a Cuenca, para fundar o Colégio Frei Luís de León, localizado na Rua José Cobo, 6, principal. Prevê passar às tropas nacionais; mas, por causa da situação e do lugar em que se encontra, isto se torna quase impossível.

O Sr. Ramón Emiliano, seu amigo, também se entrega à confidência. Partilha com o Irmão as suas convicções religiosas nas quais foi formado pelos pais. Cursa o secundário e o magistério. Consegue passar os exames finais, com o número três. Sente-se à vontade no campo educativo e se dedica à inovação. Pouco tempo depois de começar a guerra, no sábado, 22 de agosto de 1936, contrai matrimônio com Dona Rufina Ángeles Sáiz Abad. Ramón Emiliano pensa continuamente nela.



*Villalba de la Sierra (Cuenca)*

2. O Irmão Laurentino, Provincial, desafia com inteligência as leis republicanas que impedem as congregações religiosas de se dedicarem, como tais, à educação. Em vez de se enfrentar com elas ou de desistir da educação dos jovens, intenta driblar com uma clara determinação: «Dado que nos fecham nossos colégios reconhecidos como maristas, vamos nos radicar em cidades que não nos conhecem». A presença marista em Cuenca, é fruto desta decisão. O Colégio Frei Luís de León se rege por um estatuto estritamente civil. São ministrados o primário e o secundário. Quando estoura o conflito, a comunidade conta com sete Irmãos. Dispersam-se e se dirigem a casas de famílias amigas que os acolhem por causa das simpatias que suscitam. Ao diminuir a perseguição, os sete Irmãos acabam no cárcere, onde permanecem vários meses. Ao serem pouco conhecidos e ao não terem de que os acusar, deixam-nos em liberdade. A sua tarefa consiste em garantir um alojamento e em ganhar a vida, entre perigos e dificuldades. O Irmão Julián José se refugia na casa do porteiro do colégio, casa pobre, mas de gente boa. Dois anos antes, numa carta, escreve: «A política é um asco e o melhor é afastar-se dela confiados na Divina Providência, que não permitirá mais do que Deus queira» Ao ser chamada a sua classe, tem de deixar a casa e incorporar-se ao exército.
  
3. No dia 28 de julho de 1938, os dois amigos vivem intensas comoções. Pela manhã Ramón conta-lhe a grande alegria que tem. Obteve licença para ir conhecer seu primeiro filho e abraçar a esposa. Só um dia, mas está radiante. Experimenta a alegria da paternidade e da família. Quer compartilhar com seu amigo, o Irmão Juliano José, estes momentos privilegiados. No princípio deste mês, ambos são destinados a uma localidade vizinha de Villalba, com a finalidade de preparar o acampamento que deve acolher a 51ª divisão dos guerrilheiros que sobram da famosa *Coluna de Rosal*,



*Igreja parroquial de Villalba de la Sierra*

que leva o nome do coronel que a lidera. Na medida em que o ambiente se torna mais hostil, maior razão têm para estreitar os laços de amizade. Fazem seu passeio costumeiro das oito da tarde. São seguidos por uns milicianos. Quando chegam a uns lugares semeados, disparam contra eles. Um camponês descobre os corpos e avisa o capitão iugoslavo que comanda a tropa. Tal capitão com um tenente médico e um comandante, atam os corpos num poste de luz, regam-nos com gasolina e os queimam. Dona Rufina, a esposa de Ramón, o recorda: «No dia seguinte, no dia 29 de julho de 1938, um amigo veio comunicar a notícia, com toda a prudência, a minha mãe. Eu notei, e mesmo que vislumbre a tragédia, me foram enganando para aliviar a dor imensa que me produziu a notícia nos dias tão delicados que eu passava. Veio meu sogro de Valência, fez algumas averiguações; as forças foram embora dali; quando foram recolher os restos, só acharam alguns ossos e um grande charco de graxa no campo». Lavra-se um relato deste as-

sassinato. Da Audiência Provincial passa ao Tribunal Militar, que liberta os implicados.

4. Julián José e Ramón Emiliano partilharam amizade inquebrantável, a coragem de fé sem fissuras, calendário similar de nascimento e morte. Tudo se simboliza no fato de partilhar a pequena urna mortuária que contém seus restos.





---

## Capítulo 12

### Comunidades maristas de Cabezón de la Sal e Carrejo (Cantabria)

O AMIGO DOS POBRES

2 de janeiro de 1937

---



Irmão Pedro (Jaime Cortasa Monclús).

Nascimento em Millà (Lleida), em 15 de julho de 1883.

Mártir em Santander (Cantábria), em 1º de janeiro de 1937. 53 anos e 5 meses.



Irmão Narciso (Baldomero Arribas Arnaiz).

Nascimento em Santibáñez de Esgueva (Burgos), em 27 de fevereiro de 1877.

Mártir em Santander (Cantábria), em 1º de janeiro de 1937. 59 anos e 10 meses.



Irmão Columbanus Paul (Henri Oza Motinot).

Nascimento em Lion (França), em 1º de agosto de 1877.

Mártir em Santander (Cantábria), em 1º de janeiro de 1937. 59 anos e 5 meses.



Irmão Néstor Eugênio (Tesifonte Ortega Villamudrio).

Nascimento em Arlanzón (Burgos), em 10 de abril de 1912.

Mártir em Santander (Cantábria), em 1º de janeiro de 1937. 24 anos e 8 meses.

---

1. Cabezón de la Sal (Cantábria) é o núcleo comarcal que agrupa, entre outras povoações, Carrejo, distante 1km200. Nos dois lugares existem várias comunidades maristas que atendem a suas respectivas e pequenas escolas. Em Cabezón de la Sal, cuja população é de 4.000 habitantes, os Irmãos Pedro, Narciso, Luís Maria e Maria Ruperto dão aulas do Primário e Comercial a 182 alunos. Os dois primeiros serão mártires. Em Carrejo, lugar de poucos e espalhados habitantes, os Irmãos Erasmo José, Columbanus Paul e Néstor Eugênio têm na sua escola 44 alunos, distribuídos em três aulas do Primário. Os dois últimos lograram o martírio.

Santander, capital da Província, encontra-se a 46 km de distância. As notícias do levantamento do exército na África provocam diversas tomadas de posição. As forças militares debandam a favor do Movimento. Nas ruas são construídas as primeiras barricadas. O povo se arma. Os partidários da frente popular se reúnem. Os milicianos se mostram ativos. Em 20 de julho, começam as primeiras de-



*Escola de comércio, em Cabezón de la Sal (Cantabria), dirigido pelos irmãos. Atualmente, a escola de comércio e centro de educação de adultos.*

tenções. Apoderam-se de fichários e listas que fornecem dados. Mata-se em plena rua. Outras pessoas são lançadas ao mar. Improvisam-se cárceres. O barco *Alfonso Pérez* se converte em cárcere flutuante. Depois do primeiro bombardeio da cidade, a multidão se dirige ao barco e intima os presos a se considerarem inocentes, ao sair. Uma vez fora, disparam neles à queima roupa e atiram granadas. A perseguição de sacerdotes e religiosos está na ordem do dia.

2. Em Cabezón de la Sal e Carrejo, a guerra está também presente, mas com menor agressividade. Civis armados controlam as estradas, inspecionam os veículos que circulam, revistam os transeuntes, roubam gêneros nos negócios. Em horas, o panorama se transformou. Surgem o receio, a desconfiança o medo. Durante a primeira semana, os Irmãos não são molestados. Nos últimos dias de julho, o Irmão Erasmo José vai visitar a comunidade de Cabezón. No regresso, um carro para ao lado dele. Os ocupantes exigem cem pesetas, para os «Gastos da Revolução». Estes mesmos indivíduos, de tarde, vão ao colégio, e lavram um registro da casa. Encontram uma bandeira vermelha e amarela. Detêm o diretor, Irmão Erasmo José e o encarceram em Cabezón. Na cela, suja, escura e imunda há outros prisioneiros. Amigos lhe proporcionam colchão e alimentos, pois os carcereiros não dão nem um copo de água. Para ocupar o tempo, já que as horas são intermináveis pede um livro ao Irmão Columbanus Paul. Os guardas passam-no em revista e se detêm diante de uns rabiscos que consideram signos cabalísticos e esotéricos. São apenas ensaios de taquigrafia. Novo interrogatório. Depois de pagar uma multa de 100 pesetas, o Irmão Erasmo José é posto em liberdade. No dia 30 de setembro, os Irmãos recebem ordem de abandonar o colégio. Só podem se prover dos objetos de uso pessoal. O prestígio do Irmão Diretor conseguiu retardar a operação. Os Irmãos se transladam a Carrejo, onde algumas famílias

os acolhem com solicitude. Dedicam-se a dar aulas particulares para poder subsistir. Em meados de outubro, o comitê lhes proíbe dar estas aulas.

3. No dia 28 de dezembro às 11 horas da noite, os Irmãos das duas comunidades estão reunidos em torno de um rádio. Comentam os fatos ocorridos em Santander, no dia anterior. Um total de 18 aviões nacionais bombardeou a cidade e fez muitas vítimas. As represálias são imediatas. Os milicianos tiram 170 presos do barco-prisão e os assassinam. Intensificam-se as redadas. Sintonizam uma emissora que difunde a fala de Queipo de Llano. Uns golpes na porta os sobressaltam. Escondem o aparelho de rádio. O atraso em abrir, provoca umas descargas nas janelas cujos vidros saltam como estilhaços. Os Irmãos justificam o atraso pela ordem do governo de não atender a ninguém durante a noite. São levados ao cárcere de Cabezón. Não são os úni-



*Cabezón de la Sal. Atrás da escola foi construído um desenvolvimento conhecido como o «Bairro dos Irmãos Maristas».*

cos. Outras pessoas foram detidas nesta mesma noite. Sem nenhuma explicação são deixados em liberdade, na tarde do dia seguinte.

4. O ruído de três motores de carros em caravana rompe o silêncio da noite na estrada que vai de Cabezón de la Sal a Santander. A luz dos faróis rasga de forma dramática a escuridão. Entre os ocupantes estão os Irmãos Maristas. A polícia santanderina os prendeu em sua casa, pelas quatro horas da tarde do dia 30 de dezembro. Faltam dois: o Irmão Lluís Maria tinha acompanhado o Irmão Maria Ruper to a Santander para inscrevê-lo, pois tem toda a documentação em regra, como súdito argentino. Quando voltam para casa, são presos e conduzidos à capital cantábrica. O trajeto é suficientemente grande para pensarem em diversos momentos, que lhes chegou a última hora. Na iminência da morte, surge, de maneira espontânea, a oração impulsionada pela fé. Às duas horas entram no comissariado, onde permanecem até às oito horas. Passam a noite em branco, lutando para resistir ao sono. Logo os levam à prisão e os colocam em duas celas. Na segunda, os Irmãos Erasmo José e Lluís Maria dividem o espaço com alguns senhores de Carrejo. Três dias sem comunicação. O tempo se torna eterno.
  
5. Às 9 horas da noite do dia 1º de janeiro de 1937, dois oficiais carcereiros, chamam quatro Irmãos. O Irmão Pedro, leridano, nascido na zona de Àger. Ingressa aos 15 anos no noviciado de Vic. Começou sua vida apostólica em Sant Andreu. Costuma começar sua atividade realizando diversos empregos, especialmente na cozinha. Depois, ajuda na aula até virar professor. Como professor atua em Sabadell, Sant Andreu de Palomar e Torrelaguna. De 1916 a 1936, dirige o colégio de Cabezón de la Sal, menos no curso de 1924-25, em que o centro se fecha por dificuldades com



*Carrejo. Dois quilômetros de Cabezón de la Sal é a escola que estava abrigando o Irmãos. Hoje é o Museu da Natureza da Cantábria.*

a Fundação. Os filhos de famílias pobres e humildes são os primeiros destinatários de sua atuação apostólica. A sua longa permanência na direção e o acerto no exercício dela consolidam-no como autoridade reconhecida e valorizada pelo povo do local.

O Irmão Narciso, burgalês, é o benjamim de uma família de agricultores que tem três filhos. Estando para completar 15 anos, ingressa no postulado de Canet del Mar. Em Girona obtém o grau de professor elementar e dois anos depois, o título superior de professor no dois casos, como aluno livre, isto é, sem assistir aulas. Foi mandado a diversos lugares, com maior permanência em Girona, oito anos, os dois últimos, como Diretor; Murcia, cinco anos; Lleida, quatro; desde 1931, em Cabezón de la Sal. Ele se destaca pela preparação intelectual, sua competência como educador, sua simplicidade, seu caráter alegre e aberto. Chamam-no «o

amigo dos pobres». Uma carta anônima o critica: *«Teria sido melhor que se ocupasse da classe de seus alunos do que da classe dos pobres»*.

O Irmão Columbanus Paul nasce em Lyon, França. Durante os primeiros anos de sua infância, os pais se mudam para Saint-Donat, onde há uma escola marista, da qual faz parte, como aluno. Aos 15 anos ingressa no postulado de Saint-Paul-Trois-Châteaux. Aos 17, consegue o diploma francês. Até 1903, trabalhou em diversos lugares, na França. A partir deste ano, no momento em que os religiosos foram expulsos do país, se incorpora à Província marista da Espanha. Passa por bastantes lugares, mas não se encontrou a gosto em nenhum deles, até que em 1926, se instala de modo definitivo em Carrejo. Ali descobre seu lugar no mundo. Este rincão cantábrico lhe oferece vida oculta, resignada e pacífica. Os seus dotes intelectuais, a sua facilidade para as línguas, seus conhecimentos musicais ficam velados, talvez, por seu caráter indeciso. Não apresenta em nenhum momento sua cidadania francesa para se livrar das perseguições sofridas; movido pela força da fraternidade, assume a sorte que podem correr os seus companheiros de comunidade.

O Irmão Nestor Eugênio, burgalês. Os pais têm dois filhos homens. Aos 12 anos ingressa em Arceniega. Mas é devolvido à família por falta de saúde e por sua dificuldade nos estudos. Estas medidas eram tomadas, muitas vezes, com finalidade terapêutica. Quando as penúrias e enfermidades são frequentes, o fato de voltar ao lugar de origem, com seus ares e suas águas, produz efeitos saudáveis e curativos. Não desiste e cinco anos mais tarde, recuperado, é admitido ao postulado em les Avellanes. Começa sua atividade apostólica em Haro, como cozinheiro e ajudante no primário. Depois de breve passagem por Zaragoza, em 1935, passa a fazer parte da comunidade de Carrejo.

6. No dia 2 de janeiro de 1817, é fundado o Instituto Marista, em pequena localidade francesa. Marcelino Champagnat reúne dois jovens para começar um projeto tão humilde quanto ambicioso: «Todas as dioceses do mundo entram em nosso projeto». No primeiro dia do ano de 1917, quase exatamente 120 anos mais tarde, quatro Irmãos entregam sua vida, como maristas, numa diocese no norte da Espanha. Um quádruplo assassinato, que é dissimulado por seus autores dizendo que foram deixados em liberdade. Mas vozes seguras afirmam que foram assassinados perto do farol de Santander e lançados ao Mar Cantábrico. Os temporais bravios devolvem os corpos a alguma praia, mas já desfigurados e sem ser possível identificá-los.



---

# Capítulo 13

## Comunidade marista de Barruelo de Santullán (Palência)

### UMA CARINHOSA RECORDAÇÃO PELA MORTE DE MEU IRMÃO

23 de outubro de 1936

---



Irmão Egberto (Leonardo Arce Ruiz).

Nascimento em Arcelares de Tozo (Burgos), em 6 de novembro de 1907.

Mártir em Campoo de Suso, em 23 de outubro de 1936. 28 anos e 11 meses.



Irmão Teófilo Martín (Martín Erro Ripa).

Nascimento: em Viscaret (Navarra), em 3 de março de 1914.

Mártir em Campoo de Suso (Cantábria), em 23 de outubro de 1936. 22 anos e 7 meses.

---

1. O trem, tracionado por máquina de vapor, traça linha reta na meseta castelhana. Um ligeiro «traqueteio» serve como música de fundo na rotina da viagem. O calendário assinala 22 de julho. Entre os passageiros três jovens têm pressa para chegar a Burgos. São os Irmãos Heráclio José, Egberto e Teófilo Martín. Os três são membros da comunidade marista de Barruelo de Santullán. Está ainda muito vivo na lembrança dos Maristas o assassinato do Irmão Bernardo e o saque do colégio feito dois anos antes. A fuga foi tomada como medida



*Visão atual do local de ADEMAR (Associação dos Antigos Alunos Maristas), onde colocaram-se as escolas das Minas de Barruelo de Santullán (Palencia).*

de prudência, ante os graves acontecimentos de 18 de julho. O Diretor lhes sugere viajarem por estrada, por considerá-la mais segura. No entanto, escolhem o trem por ser mais rápido. Com autorização do superior tomam o trem para Cillamayor. Eles projetam chegar até Quintanilha, dali ir a pé, até Aguilar de Campoo e, depois, de carro. O trem se detém na estação de Quintanilla. Os três descem. Saem da estação sem problemas, mas são observados por pessoas de Barruelo que os delatam ao chefe dos milicianos. São detidos imediatamente. Decidem transferi-los a Reinosa, onde os prendem no colégio dos Irmãos da Instrução Cristã, transformado em prisão. Por sua vez, os três Irmãos da comunidade de Vallejo de Orbó, a pé, conseguem chegar a Burgos.

2. Na zona mineira palentina, a presença marista data de 1914; os Irmãos se encarregam do *Colégio Santa Bárba-*

ra, escola elementar gratuita para os filhos dos mineiros de Vallejo de Orbó, propriedade da «Sociedade carbonífera Espanhola». Seis anos mais tarde, aceitam novo pedido da mesma sociedade para dirigir as Escolas das Minas em Barruelo de Santullán. Esta instituição educativa recebe impulso extraordinário graças à iniciativa do Irmão Bernardo Fábrega Julià, mártir da fé em 1934, beatificado em Roma, em 28 de outubro de 2007. Quando estoura a guerra civil, ainda existem as duas comunidades. A de Barruelo de Santullán tem sete Irmãos e atende a 343 alunos. A de Orbó tem três Irmãos e educa 138 alunos.

3. O Irmão Egberto, de Burgos, perde o pai muito cedo. A mãe contrai segundas núpcias. Quando está para completar 12 anos, ingressa no juvenato de Arceniega. Continua a formação em les Avellanes. Passa por numerosos colégios,



*Vallejo de Orbó. Nada resta da escola e a casa dos irmãos, apenas as boas lembranças que mantêm alunos e uma rua dedicada à Ir. Bernardo.*

chegando mesmo a dar aulas, durante dois anos, na Academia Politécnica de Alcazarquivir (Marrocos). Voluntarioso no serviço, ele mostra constância e paciência em seu trabalho educativo e apostólico. Faz parte do grupo que prefere a aventura do êxodo a permanecer na perigosa concha mineira.

O Irmão Teófilo Martín, de Navarra, pertence a uma família que é verdadeira sementeira de vocações. Aos 11 anos, entra no juvenato de Villafranca, e depois continua sua formação em Les Avellanes. Pertenceu só a duas comunidades. A primeira, em Burgos, onde fica três anos. A segunda em Barruelo de Santullán, onde permanece só um ano. Alegre, gosta de esportes e é bom estudante. Como professor, prepara bem as suas aulas. Como religioso, demonstra espírito de família e piedade, bem com amor ao trabalho.

4. No dia 12 de outubro se anuncia aos presos do cárcere no qual estão os três Irmãos, sua transferência de Reinosa a Santander. Depois se ficou sabendo que se tratava do tristemente famoso «passeiozinho». Nestes dois meses, viram e escutaram muitas coisas. No mesmo dia em que foram detidos, há pessoas que exclamam: «Se são frades, gostaria de lhes fazer a tonsura com um machado». O Irmão Heráclio José, que sobreviverá à tragédia, transmite a angústia da prisão: «A chave entra na fechadura, cujo rangido penetrante já tínhamos gravado. Alguns dos companheiros de cela os moem com pauladas e lhes dão socos e pontapés, sem consideração alguma. Por causa dos maus tratamentos constantes, «transformam a prisão em hospital sem assistência médica». E chega o fatídico dia final. O Irmão Heráclio José assim o narra: Na sexta-feira, 23 de outubro, às 10 horas da manhã, abre-se a porta dos porões e são chamados. Separamo-nos para nunca mais a nos juntarmos. A hora em que os chamaram não levanta suspeita. Mas pelo bura-

co da fechadura, averiguamos que logo depois de saídos, são manietados e assim os fazem subir num carro, que logo desaparece. Tínhamos pensado que os levavam para algum interrogatório. São 11, 12 horas e os companheiros não voltavam! Durante alguns meses, o Irmão Heráclio José pensava, apesar de momentos de dúvida, que os tinham levado para Santander.

Depois da libertação de Santander, algumas famílias de Reinosa procuram pelas regiões próximas, os corpos dos seus achegados. No dia 14 de outubro de 1937, no monte Saja, que pertence ao Campoo de Suso, descobrem uma fossa comum com os corpos de 43 pessoas assassinadas, entre as quais estão os Irmãos Egberto e Teófilo Martín. Todos são trasladados ao cemitério de Reinosa. Descobre-se a verdade um ano após a execução.

A senhora Dorotea, irmã do Irmão Teófilo Martín, afirma: «Sinto verdadeira devoção piedosa e uma carinhosa lembrança pela morte de meu irmão». Minha mãe dizia que, quando necessitássemos pedir algo a Deus, o pedíssemos por intermédio do meu irmão, pois ela dizia que está no céu.



---

# Capítulo 14

## Comunidade marista de Barcelona

NÃO ME PASSA PELA CABEÇA A IDEIA DE ABANDONAR

8 dezembro 1936

---



Irmão Benedito André (Enrique Andrés Monfort).

Nascimento; Em Villafranca del Cid (Castellón), em 25 de abril de 1899.

Mártir em Albocàcer (Castellón), em oito de dezembro de 1936. 37 anos e 7 meses.

---

1. Sentado em frente à sua cátedra, o Irmão Benedito tem nas mãos a carta do primo Jerônimo Emiliano, que é também marista. Ele a relê diversas vezes, para se certificar do conteúdo que o deixa desconcertado. Escrita em tom duro, quer confirmar a veracidade de uma notícia: Correm rumores de que o Irmão Benedito Andrés abandonou a batina. Quando a comunicação não funciona de modo claro e transparente, os informes desencontrados invadem a praça pública. Em tempos convulsionados, a delação, os murmúrios e os cochichos adquirem carta de cidadania. O Irmão Benedito toma uma folha em branco, e redige uma carta de resposta num de cujos fragmentos ele afirma: «Se falasse apenas humanamente, teria pretextos para mandar tudo às favas; mas, graças a Deus, estou muito longe de pensar em retirar-me. Não esqueço que contraí uns compromissos. Diga então aos tais que o Irmão Benedito continua sendo o Irmão Benedito». Não é a primeira vez que tem de enfrentar rumores e calúnias. Assim recorda o Irmão Eduardo



*O Colégio Marista La Imaculada, em Barcelona, onde se fez a homenagem aos Maristas Bem-aventurados (12 de outubro de 2013), na véspera de sua beatificação, em Tarragona.*

Escolà, testemunha presencial: Estando em Torrelaguna, o Irmão Benedito Andrés sofreu pequeno contratempo: uns pais denunciaram algum abuso desonesto na pessoa dos filhos. Foi em primeiro lugar acusado o Irmão Benedito Andrés, então com 23 anos. Ao chegar o julgamento, depois de 72 horas e vendo-o, os familiares, disseram: «Não é este; criamos que era outro», referindo-se a alguém que tinha fugido do lugar. O Irmão Benedito Andrés foi posto em liberdade, sem nenhuma condenação e não deu a menor mostra de indignação, contente por ter padecido algo por Cristo.

2. O Irmão Benedito Andrés nasceu em Villafranca del Cid (Castellón) em 1899. O Irmão Isidro Guix, que se tinha transviado pelas estradas de Maestrazgo, vai parar na casa dos pais do Irmão Benedito Andrés, para descansar. Desta acolhida surgem duas vocações maristas: a dele e a de um primo. Ingressa no juvenato de Vic. Tem 11 anos. As demais etapas de formação são feitas em les Avellanes. Seus três primeiros destinos foram: Valência, Torrelaguna e Valdemoro. Incorpora-se depois ao serviço militar e passa três anos na África. Fazem-no cabo e suboficial. A amizade com um



Irmão de La Salle o ajuda a manter sua fidelidade religiosa. Tem de enfrentar a batalha de Melilla, que dura dois anos. As cartas deste período refletem seu afeto por sua família e pelos Irmãos. Não esconde a contrariedade pela excessiva duração do serviço militar e pelo uso das armas. Ao regressar para a península, quer ir visitar a família, mas não o autorizam, como o reflete numa de suas cartas, datada de novembro de 1922. «Escrevia ao meu Irmão Superior, pedindo-lhe que me desse 15 dias para visitá-los, mas respondeu-me que não devia seguir ao povoado; desse modo, como verão, se não vou, não é por minha culpa, pois eu teria gostado de passar alguns dias com vocês, uma vez que nos repatriassem da África.» Submete-se à decisão. As suas novas comunidades são: Valência, Murcia, Zaragoza e Pamplona. Em Barcelona reside na comunidade de Lauria, 38, formada por 11 Irmãos que dão aula a 274 alunos do curso primário. Apenas notam que o perigo se avizinha deles, se dispersam. Podem retirar algo de uso pessoal antes da chegada dos milicianos que saqueiam a casa, visto que não a podem incendiar. Os Irmãos procuram pensões ou casas de amigos. Torna-se difícil refugiar-se na casa dos pais, visto que, de acordo com os costumes da época, os Irmãos estão localizados longe de suas famílias. O Irmão Benedito Andrés, com licença do Irmão provincial, busca abrigo na casa paterna.

3. No povoado natal, O Irmão Benedito Andrés mantém-se fechado em casa. Nos quatro meses que dura o cativeiro, sai algumas vezes, muito poucas. No começo de dezembro vive um dilema: O comitê publica um edito de alistamento voluntário, com a promessa de eximir de toda pena, quem se apresentasse por não ter feito antes o serviço militar. Depois de pesar prós e contras, decide aproveitar a ocasião, mais que tudo, para não pôr em risco, a segurança dos seus. No comitê o submetem a um duro e longo interrogatório. Ao voltar dali, diz à irmã: «Minha sentença está

lavrada!» E acrescenta: «Digam a Emiliano – seu primo, Irmão Marista – que não se apresente. Pelo menos, se me matam, que ele se salve!»

4. Tarde da segunda-feira, dia 7 de dezembro de 1936. Chamam à porta da família do Irmão Benedito Andrés. Abre a irmã e se encontra com um membro destacado do comitê, companheiro de infância e do serviço militar. Sua irmã lhe transmite o recado. Sua resposta: «Chegou minha hora. Até o céu!» Isso soa como uma despedida. Anima a família. Depois o diálogo se dirige ao visitante:

—Vamos ao comitê!

—Melhor, à morte, não? Replica o Irmão.

—Não tenha medo que não lhe acontecerá nada. Já lhe disse que não acontecerá nada nem com você, nem com seu primo.

—Seja como Deus quiser!

Do comitê passa, sem processo algum, ao cárcere, onde encontra seu antigo professor, para alegria de ambos. Uma prima lhe leva comida e um cobertor. Recusa a comida e retém o cobertor porque sofre dos rins.

5. Dia 8 de dezembro. Festa da Imaculada Conceição. No lugar Sant Pau, no termo municipal de Albocásser, são executados: o professor com seu filho de 17 anos, o médico, o sacristão, e o Irmão Marista. Uma religiosa escuta da boca de um dos assassinos a narração dos últimos instantes da vida do Irmão Benedito Andrés: «Como era valente! Quando estávamos para fuzilar o frade, cruzou os braços sobre o peito e gritou: «Viva Cristo Rei! Virgem Maria, amparaime!» Fizemos um disparo e caiu no chão. Então ouviu-se dele: «Sagrado Coração de Jesus, tende piedade de mim!... Disparamos outros tiros e ainda se ouviu dele: «Jesus, Maria e José, em vossas mãos coloco a alma minha. E morreu».

---

# Capítulo 15

## Comunidade marista de Denia (Alicante)

SOFRER O MARTÍRIO POR DEUS  
E PELA FÉ EM JESUS CRISTO

10 agosto 1936

---



Irmão Millán (Esteban Llover Torrent).

Nascimento em Los Planes d'Hostoles (Girona), em 27 de julho de 1885.

Mártir em Alcira (Valência), em 10 de agosto de 1936. 51 anos.

---

1. Diretor do Colégio *San Juan Bautista*, o Irmão Millán não consegue acreditar no que vê. O comunicado da prefeitura não deixa lugar a dúvidas: Para evitar possíveis desordens, abandonem o colégio e o município de Denia, hoje mesmo, de tarde. O calendário marca 10 de abril de 1936. Sexta Feira Santa. É uma hora da tarde. A notícia corre como pólvora e até parece que se trata de uma festa. Pouco a pouco, os alunos maiores e os antigos alunos chegam ao centro. Todos se oferecem para o que seja necessário fazer. Alguns colaboram em tirar livros, móveis, mercadorias, seguindo as orientações dos Irmãos. Outros vigiam. Alguns vão à Guarda Civil, pedir proteção para que o mundo de gente que se encontra diante do edifício, não provoque danos. Ouvem-se insultos e frases que soam mal. A tensão está à flor da pele ante qualquer acontecimento que sacuda a sociedade. Nesta época, Denia tem mais de 12.000 habitantes. As últimas eleições foram celebradas em fevereiro e deram a vitória à esquerda. Um carro alugado vem buscar

os quatro Irmãos, que saem escoltados por grande número de alunos, antigos alunos e pais de alunos. Passaram-se cinco horas vividas com muita intensidade. O Diretor permanece na cidade, esperando que as providências tomadas pelos antigos alunos produzam efeito e a corporação municipal revogue o acordo. Chega até mesmo o governador civil, ao qual apresentam um «protesto educado, mas corajoso». A argumentação é clara: os alunos não podem se transladar a outro povoado para acabar o ano e a lei sobre a substituição do ensino religioso se refere unicamente aos lugares onde é possível. De qualquer modo, é preciso acabar o curso. O governador chama o Irmão Millán com quem conversa sobre o assunto. Parece que a questão se resolve, mas na verdade, se complica. Os pais de alunos seus filhos combinam que não aceitarão outros professores além dos Irmãos. Se no-los impõem tornar-lhes-emos a vida impossível.

Afinal, os alunos do curso secundário contam com o trabalho dos Irmãos que os preparam para os exames oficiais, na chácara «La Cenía», cedida por uma senhora. Poucos



*Vista atual de Denia. Em primeiro plano, o Colégio de San Juan Batista.*

dias antes, o Irmão Laurentino, Provincial, os visita, para conhecer a situação de primeira mão. Finalmente, ele, acompanhado dos Irmãos jovens, deixa Denia. Na estação, uma multidão demonstra sua adesão e apreço. O *Colégio San Juan Bautista* foi fundado em 1928, por Dona Cândida Carbonell.

2. O Irmão Millán, gerundense, pertence a família numerosa. Os pais têm onze filhos dos quais apenas três sobrevivem. Os demais morrem pequeninos. Millán combina trabalho e estudo. Sente inclinação pelo sacerdócio, mas tem de desistir, porque seus pais não podem oferecer os recursos que o seminário exige dele. Decide ser Irmão Marista. Trabalha como peão, para comprar as coisas de que necessita antes de entrar no juvenato San Andrés de Palomar. Os superiores apreciam tanto suas qualidades pessoais e seu espírito religioso, que lhe confiam a tarefa de formador. Em Arceniega, San Andrés e Vic. Torna-se Diretor em Centelles, cinco anos; Badalona, seis; Barcelona (Lauria) e Denia, desde o ano de sua fundação, em 1928. As obras que dirige sempre estão a serviço dos filhos dos operários.
3. A comunidade, formada por cinco Irmãos, vive com alguns meses de antecipação a guerra iniciada em 18 de julho. As tensões sobem e não se pode brincar com o fogo. O Irmão Millán abandona Denia e se junta aos Irmãos que alternam o lugar de residência em diferentes chácaras e estâncias. Como a situação piora, procuram novos lugares onde sejam menos conhecidos. O Irmão Millán vai a Ondara, onde se faz passar por viajante. Pensa erroneamente que a revolução é questão de dias, de algumas semanas talvez. Move-se em diversas povoações, mas nunca volta a Denia. A prudência o recomenda. Decide ir a Barceloa para entrevistar-se com o Irmão Provincial. Nos últimos dias de julho, a caminho da cidade Condal, é detido em Taber-

nes de Valldigna, na província de Valência. Metem-no na prisão. Não diz palavra contra o ferroviário que o delata, apesar de ter admitido, totalmente grátis, um filho dele no colégio.

4. O Irmão Millán fica 12 dias no cárcere de Tabernes de Valldigna. As horas intermináveis permitem-lhe pensar no essencial da vida de converter o silêncio em oração. A incerteza pesa. No dia 10 de agosto à uma da madrugada, o senhor José Giner é solicitado como motorista por um homem apelidado Carabineiro, para prestar um «serviço». Acompanham-no outros dois indivíduos conhecidos como o Caldeireiro e o Carreiro. O motorista, como testemunha presencial relata os fatos: «O Carabineiro manda parar o carro, fazendo, ao mesmo tempo, baixarem todos, separando-se a uns duzentos metros do carro, os chamados Carabineiro, Caldeireiro e Carrero disparam contra Dom Rodrigo Gil e Esteban Millán, assassinando-os e deixando os corpos na estrada». O Irmão Lorenzo Sangés reconhece: «Bastava a condição de religioso para sofrer o martírio por Deus, e pela fé em Jesus Cristo. O Irmão Millán partilha o último destino com o jovem do Colégio Marista de Denia, que mais prometia. Os dois corpos um junto do outro, são inumados no cemitério municipal de Alcira (Valência).

---

# Capítulo 16

## Comunidade marista de Arceniega

SEM NENHUM MEDO DA MORTE POR CRISTO

25 de setembro de 1936

---



Irmão Luís Fermín (Luís Huerta Lara).

Nascimento em Torrecilla Del Monte (Burgos), em 21 de junho de 1905.

Mártir em Bilbao, em 25 de setembro de 1936. 31 anos e 3 meses.

---

1. O barco *Cabo Quilates*, antigo barco da navegadora Ybarra está fundeado na baía de Bilbao. Converteu-se em prisão flutuante. Nele está internado o Irmão Luís Fermín. Encerrado neste cenário de horror, repassa, sem pressa, os últimos acontecimentos ocorridos na sua última comunidade, Arceniega (Álava). Nesta localidade de uns 1.200 habitantes há duas obras maristas: O colégio dentro da povoação, que atende a 104 alunos do primário e o juvenato perto do Santuário de Nossa Senhora da Azinheira, afastado um pouco mais de um quilômetro da muralha da cidade. Uma comunidade de oito Irmãos acompanha 84 juvenistas. No dia 21 de julho, seis homens armados revistam a casa de formação, com a desculpa de que «o convento está cheio de armas, embora muito bem escondidas». Acaba-se a revista com a noite já bem adiantada. Neste tempo, os juvenistas, nos pátios, vão captando a tensão crescente. O Diretor os tranquiliza e lhes vai contando um fato parecido que viveu o Padre Champagnat em 1830, em l'Hermitage.

A comunidade do Colégio é formada pelos Irmãos Luís Venâncio, Diretor, Luís Fermín e León Pablo. Na véspera de 18 de julho, o Diretor sai a caminho de Burgos. Está previsto que seus dois companheiros de comunidade seguirão nos próximos dias. Este mesmo dia, em Arceniega, sofrem revistas aparatosas, pelo que decidem ir ao juvenato, enquanto preparam sua viagem para Burgos. O Irmão León Pablo sobe com sua mala, a encosta que o conduz à casa de formação, acompanhado pelo Irmão Luís Fermín que acaba de deixar a dele na casa do padeiro, que a levará na camioneta, quando levar o pão para o juvenato. Os milicianos chegam à padaria. Ao repararem na mala e vendo-a fechada, fazem voltar o Irmão e o obrigam a abri-la. Aqui começa sua desventura. Notam livros e papéis religiosos e recortes de jornais. Detêm-no imediatamente. Levam-no ao quartel para interrogá-lo. Depois, ao cárcere, onde passa oito dias. Os Irmãos se dedicam para atendê-lo. Depois,



*Vista atual do juvenato de Arceniega, tornam-se casa de retiro. Muitos irmãos fizeram neste lugar a sua formação inicial.*



é levado para o Comissariado de Bilbao e posteriormente para as adegas do navio *Cabo Quilates*. Há outro barco o *Altuna Mendi*, que exerce funções parecidas.

2. A situação nestas prisões flutuantes é apocalíptica; e duríssimos são os sofrimentos que devem suportar os prisioneiros: fome, humilhações, flagelações com o torso nu, carreiras e chicotadas, com chicotes acesos, suspensões nas beiradas do navio, troças, escárnios sangrentos, blasfêmias, insultos: martírios de toda espécie foram o pão cotidiano dos indefesos moradores retidos nos barcos-prisão, ancorados na baía de Bilbao, e de modo especial os sacerdotes e religiosos. Uma testemunha presencial, companheiro do Irmão Luís Fermín, com quem passou 20 dias no *Cabo Quilates*, recorda os sofrimentos vividos. Estávamos amontoados como animais. Havia quatro adegas. O Irmão esteve na de número 1 e eu na de número 3. Eu o conheci como Irmão Marista.

Os martírios no *Cabo Quilates* se faziam por fuzilamento no tombadilho da popa. Não era apenas o ato de fuzilar. Ouvíamos os tiros. Algumas vezes, com rajadas de metralhadora; outras, um tiro na nuca; outras, acabados a coronhadas. E tudo o que acompanhava estas tristes cenas eram: vexames, injúrias, caçoadas, bofetadas.

3. O Irmão Luís Fermín, burgalês, tem três Irmãos. Um defeito de visão vai condicionar-lhe a vida, mas não o impede de realizar sua vocação.. Perto dos 13 anos, entra no juvenato de Vic. Completa as outras etapas de formação em les Avellanes. Como a miopia acentuada o impede de se preparar para ser professor, desempenha outras ocupações e serviços. Além de dedicar-se com zelo aos empregos humildes, deseja ardentemente educar os pequenos da *primeira série*. *É aquilo de que gosta, apesar de que é apre-*

ciado mais por seus trabalhos. Seus destinos são: Orbó, les Avellanes, Barcelona, Centelles, Palafrugell, Haro e desde 1932, Arceniega, lugar onde permanece por mais tempo. Valoriza muito a vida em comunidade. Nele se destaca o afã educativo e seu desejo de ir para as missões para derramar, se for o caso, o sangue, por Cristo. Não imagina que conseguiria o martírio, mas da maneira mais inesperada.

4. A aviação dos nacionalistas bombardeia Bilbao na sexta-feira, dia 25 de setembro. A operação é levada a cabo por cinco junks, JU 52, alemães, que descarregam as bombas em duas ocasiões, uma de manhã e outra de tarde. Lançam avisos firmados pelo general Mola, animando a rendição. Este é o primeiro de uma série de bombardeios que caem sobre a capital viscaína. A guerra não se faz só na linha de vanguarda, no corpo a corpo das trincheiras, mas também, com a ajuda da aviação, na retaguarda, uma nova espécie de luta que mina a moral da população. A reação dos grupos de milicianos é imediata; assaltar os navios-prisões *Altuna Mendi* e *Cabo Quilates* e tirar vingança nos prisioneiros. Neste último barco, ancorado no El Abra, depois de vencer a resistência dos milicianos que o vigiam e controlam, os assaltantes se apoderam da situação e vão escolhendo as vítimas. Já adiantada a noite, um miliciano chega à adega e vocifera: «Padres, frades, dominicanos e outros subam. E se alguém ficar para trás, eu o penduro no pau mais alto». Gritos, blasfêmias, rajadas de metralhadoras, golpes de corpos que caem inertes e sangram, feridos. Ritos de antecipação para os que se encontram nos turnos seguintes. Alinhados recebem a descarga. Entre a meia centena de pessoas executadas, está o Irmão Luís Fermín, mártir da comunidade de Arceniega. Os corpos são enterrados no cemitério de Vista Alegre, do município de Bilbao, em Derio.

---

# Capítulo 17

## Comunidade marista de Mataró

### O ANJO CONSOLADOR

29 de Janeiro de 1939

---



Irmão Pablo Daniel (Daniel Altabelle Gracia).

Nascimento em Aguaviva (Teruel), em 19 de outubro de 1911.

Mártir perto da fronteira com a França, em 29 de janeiro de 1939. 27 anos e 3 meses.

---

1. O exército republicano, no fim de janeiro de 1939, tendo perdido sua capacidade ofensiva, vai retirando-se em direção da França. Uma companhia se encontra na região dos Pireneus catalães, próxima a Figueras, a uns 30 quilômetros da França. Prevê-se a libertação. Como se a pintura «*La liberté guidant le peuple*» (a liberdade dirigindo o povo) de Eugène Delacroix, 1830, refletisse o estado anímico dos soldados cansados. Entre eles, há um marista. É o Irmão Pablo Daniel. Desde o golpe de Estado, sua vida passou por todo tipo de mudanças e situações, sem paradas nem descanso. Recorda os começos da contenda. Vinte e três Irmãos formam a comunidade de Valldemia (Mataró), povoado industrial, perto de Barcelona e banhada pelo Mediterrâneo. O colégio internato, fundado em 1855, passa para os Irmãos em 1888. Nas exposições universais de Paris, em 1878 e em 1900, obtém a medalha de ouro da «Qualidade educativa». Cinco Irmãos formam a comunidade de outro colégio marista que existe no povoado, o externato *San*

*José*. No dia 20 de julho, começam as queimas e a fumaça assinala o endereço de conventos e casas religiosas. Um grupo numeroso de 2.000 operários, precedido por jovens, com latas de gasolina, se dirige ao Colégio de *Valldemia*. O Irmão Adjuteur não quer que seu colégio seja queimado. Tem de parar esta gente, seja de que maneira for. Vê que alguns dos que encabeçam a manifestação são pessoas a quem ajudou em momentos de crise econômica e a quem, inclusive, em certas ocasiões, deu alimentos e roupas para a família. O chefe sindicalista adianta-se e grita aos que o seguem: Este senhor é bom democrata e camarada e francês amigo da Espanha; portanto ninguém toque em seu colégio que logo, servirá para filhos de famílias pobres. A partir deste momento, há guarda permanente na porta do colégio. Com o tempo, *Valldemia*, durante a guerra, vira hospital e banco de sangue.

2. O Irmão Pablo Daniel faz parte do grupo de 107 Irmãos que vai embarcar no *Cabo Santo Agostinho*, navio ancorado em Barcelona, que os deve levar à França. Trata-se de uma trapaça, detalhada no livro *O preço da traição*. Estes Irmãos vão acabar na masmorra Santo Elias, no bairro de Sarriá, no dia 7 de outubro, nos subterrâneos do convento das clarissas de Jerusalém. No dia seguinte, o Irmão Laurentino e 45 companheiros maristas são executados no cemitério de Montcada. Os que permanecem no calabouço têm de suportar toda a espécie de insultos e maus tratos. O Irmão Pablo Daniel é um deles. É levado ao cárcere da Audiência e finalmente ao cárcere Modelo, onde fica treze meses. Depois, por falta de acusação e provas, é posto em liberdade.

Este Irmão é turolense ocupa o terceiro lugar entre seus Irmãos. Um deles é jesuíta e o benjamim morre juvenista marista por causa de uma pneumonia. Ingressa no juve-



*Vista atual do colégio Valldemia de Mataró. Durante a guerra, ele serviu como um hospital e banco de sangue.*

nato de Vic, aos onze anos. Prossegue sua formação em les Avellanes. Começa sua missão em Alicante. Passa dois anos no Colégio marista de Mataró. Depois de alguns meses na comunidade de Lauria, de Barcelona, volta, pela segunda vez, ao colégio de Valldemia. Destaca-se como educador eficaz, apóstolo constante e polemista excelente. Rechaça o convite de um juiz que, tendo observado sua inteligência na defesa, se dispõe a pagar-lhe os estudos da carreira de advogado.

3. Depois de conseguir a liberdade, nada nem ninguém detém seu afã apostólico. Dedicar-se ao ensino. Defende, com audácia e valentia, a causa de Deus. Pouco depois, devido a seu anúncio explícito do Evangelho, chega a segunda prisão. Os navios *Uruguai* e *Argentina*, ancorados no porto de Barcelona, são convertidos em barcos-prisão, para completar as masmorras em terra. No *Argentina* o Irmão

Pablo Daniel vive quatro meses em condições penosas. Seu camarote que comparte com cinco outras pessoas, chega a ser um pequeno mosteiro com missa todos os dias, oração matinal, oração das três partes do Rosário, meditação e oração da noite. O Irmão orienta as orações e se encarrega dos sermões. Cativados por seu espírito, chamam-no «Anjo consolador». Presos de outros camarotes vão encontrá-lo, para confidências com ele e para encontrar apoio moral. É depois encaminhado à prisão do castelo de Montjuic, fortaleza militar, esperando um julgamento. Sem que este se realize, é transferido para o campo de concentração de Ogern, criado pelo grupo republicano, na comarca municipal de Bassella entre Ponts e Solsona, na província de Lleida. Os prisioneiros são empregados em trabalhos forçados, tais como construir pontes, cuidar dos caminhos, e abrir novas estradas. O Irmão Laureano recorda a experiência que viveu com o Irmão Pablo Daniel: No campo de trabalho, depois de nos reunirmos à noite, para descansar, como era possível, rezávamos algumas orações e fazíamos alguns comentários. Lembro-me, por exemplo, de uma noite, na qual nos faltava tudo, mortos de fome e frio, sem roupa suficiente e cobertos de piolhos, disse-me: «É verdade que aqui sofremos inclemências, mas os que estão em liberdade estão muito pior...» Disse-me também: «Quando Jesus percorria a Palestina, anunciando a doutrina, em muitas noites não se teria alojado de modo semelhante: cansado, com fome, e sofrendo das intempéries? Aceitemos, resignados, a nossa sorte e tenhamos ânimo.

Em outubro de 1938, ao ser convocada sua classe, alista-se no exército republicano para se ocupar do serviço sanitário, com o desejo de atender aos feridos. Mandam-no para a frente catalã. Uns jovens do seu povoado o reconhecem e denunciam sua condição de religioso ao chefe que nada mais é do que Enrique Líster.

4. A companhia republicana está nas imediações de Figueras, perto da fronteira com a França. O calendário indica 29 de janeiro de 1939, domingo. O Irmão Laureano Larrea oferece a narração mais completa dos últimos instantes do Irmão Pablo Daniel: A versão que tenho de sua morte que posso afirmar ser de domínio público, pois sempre a estive ouvindo, mesmo sem o procurar, é a seguinte: acabou a guerra na região fronteira de Figueras. Militava no exército republicano, onde já se havia determinado sua substituição. Estando perto o fim da guerra, ficou para trás e comentou com os companheiros a respeito da ação de graças que era preciso dar a Deus, por tê-los guardado dos males da guerra e tê-los preservado dos inimigos. Alguém que assistiu à reunião não devia concordar com o que o Irmão disse e o delatou ao comandante militar que creio era Líster. Mandou um piquete voltar atrás e matar todo este grupo de patriotas entre os quais estava o Irmão Pablo Daniel. Era prática corrente nos últimos estertores da guerra que levam ao martírio muitos sacerdotes e religiosos, que pensavam estar perto da liberdade.





---

## Epílogo

Estes acontecimentos, relatados ao fio da história, suscitam sentimentos profundos de tristeza, indignação, admiração... Impossível ficar indiferente. Mas ao mesmo tempo convidam ao silêncio, à meditação e à oração. Minha reflexão final aberta a todas as vítimas, sem distinção, se focaliza nos mártires e se concentra em quatro pontos.

1. Como explicar o comportamento dos verdugos? Como podiam disparar contra pessoas indefesas? Como podiam torturar os prisioneiros? De onde surgia este ódio à fé, como afirma a *Positio*? Pensar que se tratava de monstros não resolve o problema. Pode ser que no dia a dia, fossem homens normais, como qualquer um de nós. Hannah Arendt fez a si mesmo esta interrogação quando assistiu ao processo de Eichmann. Falou da banalidade do mal e da ausência de pensamento. O argumento usado por Arendt com raízes socráticas indubitáveis, é totalmente atual. Se existe consciência não se pode atuar deste modo. O exercício do pensamento desmascara a monstruosidade do mal. Gurdjieff, em várias ocasiões, abordou o tema da guerra. Acreditava que era possível terminar com ela. Para tanto, «bastaria que o povo despertasse. Parece algo fácil. No entanto é a coisa mais difícil que pode haver porque este sonho é induzido e mantido pela totalidade da vida circundante, por todas as condições do ambiente». Consciência e pensamento são as chaves, mas pode ser que nem sempre bastem para explicá-lo.

2. As vítimas, numa guerra civil, estão nos dois lados. No caso dos Irmãos Maristas, o que os moveu a manterem seus compromissos? Por que não cederam às propostas de renunciar a suas convicções religiosas e se mantiveram firmes na fé? Muitos eram pessoas normais e comuns, com seus defeitos, limitações e falhas. Alguns eram extraordinários. No entanto, uns e outros de onde retiraram a coragem e valentia para enfrentar a loucura de uma perseguição até à morte pelo fato de serem religiosos? Como viveram sua missão para não querer renunciar a ela? Que é que encontraram na sua comunidade para se entregarem a ela até o fim? Não encontro outra explicação senão a fé em Deus, o motor das suas vidas. Quando estamos em face da morte, nos agarramos ao essencial. Sabemos avaliar as coisas em sua justa medida. Sören Kierkegaard tinha escrito: «Só a fé proporciona ao homem a coragem e a audácia necessárias para olhar de ponto em ponto a morte e a loucura, para não se inclinar impotente diante delas». A sua prioridade era clara: «De que serve ao homem ganhar tudo, se perde a sua alma?» (Mc 8,36).

3. Um grande compromisso que se desprende desta vivência histórica se refere à educação. Basta recordar a conferência «a educação depois de Auschwitz», pronunciada por Theodor W. Adorno, no dia 18 de abril de 1966, na rádio de Hesse: «A exigência de que Auschwitz não se repita é a primeira de todas na educação. Até certo ponto precede qualquer outra. Creio não poder fundamentá-la, nem querer fazê-lo. Não chego a entender como se lhe tenha dado tão pouca atenção até hoje. Fundamentá-la teria algo de monstruoso diante da monstruosidade do acontecido». Educar significa ensinar a história de modo que se favoreça sua compreensão. Educar é despertar as pessoas para os valores da verdade, da reconciliação, do perdão, da aceita-

ção da diversidade, do respeito, da convivência, do diálogo, da empatia, da espiritualidade.

O currículo educativo se centra em excesso sobre a aprendizagem e sobre conteúdos acadêmicos de interesses, mas não desce ao coração humano. Como deve ser a educação na Espanha, para que não se repita a história e se favoreça a compreensão? Há muito por fazer!

4. Por que tantas pessoas que vivem a fundo a vida cristã acabam sendo mártires? Há oitenta anos milhares de pessoas, na guerra civil, sofreram o martírio, como estes 68 Irmãos maristas. Mas que se passa hoje? Andrea Riccardi escreve: «A verdade do martírio no século XXI é que alguns cristãos que não são agredidos pela máquina dos regimes totalitários, são-no pela violência de seus concidadãos. Muitos religiosos e religiosas não quiseram proteger-se, mas continuaram a viver entre as pessoas desprotegidas, trabalhando na terra onde a barbárie açoitava. A ideologia dominante põe uma venda nos olhos e silencia a realidade de tantas mortes como ocorrem. A liberdade religiosa continua a ser um direito que não logrou desenvolvimento razoável. Pode ser que a resposta última esteja nas palavras de Jesus: « Eu vos consolarei como uma mãe consola a seu filho»( Is.66,13) O reconhecimento dos bem-aventurados por parte da Igreja, cumpre a promessa do Senhor: «Vossos ossos florescerão como um prado» (Isaías, 66,14).

Quem vive com amor a coragem da fé, como nossos mártires, escuta o anúncio de Cristo: «Alegrem-se porque seus nomes estão inscritos no céu» (Lc 10,20).



---

## Referências

- POSITIO SUPER MARTYRIO. *Illerden et aliorum canonizationis servorum deis crysanti, aquilini, cypriani et lxiisociorum ex insituto fratrum maristarum a scholis, necnon duorum laicorum in odium fidei, uti refertur, interfectorum († 1936 – 1939)* Vol 1 Informatio, Roma 2001.
- CORREDERA GUTIÉRREZ, Eduardo. *Páginas de historia marista. España, 1909-1939*. Barcelona. Gráficas Casulleras, 1977.
- MORAL BARRIO, Juan Jesús. *Vidas entregadas, martirologio marista de España, 1909-1939*, Zaragoza. Instituto de los Hermanos Maristas de la Enseñanza, Vicepostuladuría Marista de España, 1997.
- SERRA LLANSANA, Lluís. *La força de la fraternitat: maristes cent anys a l'èls Avellanes (1910-2010)*. Os de Balaguer, Lleida. Associació d'Amics del Monestir de Les Avellanes, 2011.
- MIR, Miguel SANTAMARIA, Mariano. *La otra memoria histórica: últimas investigaciones sobre las persecuciones y ejecuciones en la España republicana, durante la Guerra Civil*. Madrid: Nowtilus; Barcelona; Fundación privada Bosch Aymerich, 2011.
- CLAVERO BARRANQUERO, Antonio. *La represión religiosa 1936-1939. Los Hermanos Maristas de Málaga*. [Madrid] Edelvives, 2001.
- BARRIUSO, Teodoro (et al.) *47 semillas de vida: Hermanos maristas, mártires em España: beatificación: Roma 28 de octubre de 2007*. [Zaragoza] Conferencia Marista Española, 2007.





